

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Instituto Multidisciplinar

Departamento de História e Economia

Projeto: Bases para a Pesquisa Histórica sobre Movimentos Sociais na Baixada

Entrevista com **Flávio Eduardo da Silva (Dudu do Morro Agudo)** - Ativista cultural e social residente em Nova Iguaçu. Com a participação de Luiz Carlos de Jesus (Dumontt), também ativista cultural e social residente na cidade.

Local: Nova Iguaçu

Data: 19/05/2009

Entrevistadores: Alexandre Fortes, Álvaro Nascimento e pessoa não identificada.

Duração: 109 min e 4 seg

Legenda:

()- utilizados para identificar as palavras cuja transcrição não é precisa.

[]- utilizados para identificar as falas que atravessam a resposta de um entrevistado ou do entrevistador.

{ }-utilizadas para identificar acontecimentos, atitudes e outras observações.

AF- Só para identificar então, né. Entrevista com Dudu do Morro Agudo. Como é que é teu nome completo?

DMA- Flávio Eduardo da Silva (Seide).

AF- Tá legal. Hoje é dezenove do cinco. A gente tá começando aqui, onze horas, é... Dudu, então, você nasceu aqui mesmo?

DMA- Nasci em Nova Iguaçu.

AF- Nova Iguaçu. E morava já por essa área aqui, desde criança?

DMA- Isso. Moro no mesmo lugar há 30 anos. Mesma rua, mesmo número.

AF- Há trinta anos você nasceu. É isso?

DMA- É.

AN- Você tá com trinta anos?

DMA- Uhum.

AN- A tua família é daqui mesmo? Foi daqui de Nova Iguaçu a vida toda?

DMA- É... A minha avó e meu avô eram de São Sebastião do Alto. Pro lado de lá.

AN- Onde?

DMA- São Sebastião do Alto. Depois de Macuco. [Pessoa não identificada- No norte fluminense. Hoje, noroeste fluminense.] E... Aí minha avó veio com a família pra cá, pra morar aqui do outro lado.

AN- Do outro lado aonde?

DMA- Do outro lado da Dutra. (Antes) da passarela, tem um terreno ali que é do meu avô... O meu bisavô trouxe minha avó pra cá e o meu avô, no caso, viu minha avó lá em Sebastião do Alto, gostou e veio atrás [AN- Veio atrás.] {risos} Aí chegou...

AF- Você tem mais ou menos ideia quando eles vieram?

DMA- Não tenho ideia. Posso depois te mandar...

AF- A gente procura depois...

DMA- Vejo com minha mãe e te falo. Aí meu avô veio, xavecou, pá, pediu a mão... Minha avó nem sabia. Pediu a mão dela em casamento, na boa. Aí meu bisavô, meio que contra vontade liberou lá. Aí começaram a namorar. E a partir daí foi né. Casaram. Aí minha mãe, no meio das criancinhas daqui. Aí meu pai era de Jacarepaguá. Com treze anos de idade... Ele foi criado em colégio interno que a mãe dele tinha vários filhos, uma porrada de filho, um filho de cada marido. Chegou a conhecer um marido que não gostava dos filhos, aí ela botou todos os filhos num colégio interno pra ficar com o marido. Aí meu pai ficou até os doze, treze anos num colégio interno, depois veio morar sozinho, aí veio pro Morro Agudo. Veio pro Morro Agudo, depois de um tempo conheceu minha mãe, e...

AF- E eles trabalhavam com o quê? Seus pais faziam o quê?

DMA- Minha mãe, desde quando eu me entendo por gente, foi vendedora de roupa e meu pai vidraceiro, botando *box*, essas coisas. Minha mãe, depois de eu já adulto, conseguiu um emprego na LBV, que ela odiava, diga-se de passagem, que ela não gosta de enganar os outros, e aí fez um concurso público pra merendeira num colégio do Estado... Acho que município do Rio, aí passou, aí meu pai ajudou a ela a pagar, tinha que fazer lá os exames, minha mãe hoje é funcionária pública... Trabalha muito menos, trabalhou a vida toda. Merece ter esse emprego. Ganha pouco, mas também não trabalha tanto. [AF- A escola é aqui perto?] Na Pavuna. [AF- Na Pavuna...] E o meu pai é... A vida toda trabalhou com *box*. Só que ele me conta que quando era mais novo, ele teve uma experiência muito ruim

com construção civil. Então ele ralava pra caralho, carregava muito peso, e não ganhava muita grana, então ele teve a oportunidade de aprender outra profissão, foi... de colocar vidro. Então ele abraçou né, porque nunca teve muito estudo. Abraçou e seguiu e até hoje é o que ele faz.

AN- Teu avô e tua avó, você sabe qual era a profissão deles?

DMA- A minha avó... O meu avô não. O meu avô, ele tem a história muito, muito... (Tá bem difícil saber) porque eu perguntei muito. Meu avô trabalhava não sei se era na GE. Uma empresa dessas. E meu avô terminou a vida louco, sacou? Alcoolatra e louco. Porque ele foi... Não sei se sumiu... Eu não sei o que ele foi na empresa. Meu avô foi torturado pela polícia, queria saber o que que era, foi torturado. Então meu avô ficou louco, aí veio, voltou pra casa, ouvia sirene o tempo inteiro, aí começou a beber muito. Ele morreu disso. A minha avó criou as três filhas sozinha. A minha mãe tinha quatorze ou quinze anos quando meu avô morreu. A minha avó criou as três filhas sozinha. A minha avó era cozinheira num hospital. Aí minha avó foi, chegou num ponto em que ela ajudava muito na enfermaria, aí passaram ela pra enfermeira. Ela ganhava um pouco mais, só que ela não podia trazer comida pra casa, as coisas que ela trazia que era da cozinha. Então ela pediu pra voltar pra cozinha, pra continuar cozinheira, pra conseguir trazer comida pros filhos e tal, pros netos também. E ela se aposentou nesse hospital, trabalhou trinta e poucos anos lá.

AF- Esse hospital é aqui também?

DMA- Não. Esse hospital fica em Jacarepaguá. [AF- Jacarepaguá. Longe à beça.] Tudo... Ninguém trabalhava por aqui, tudo é... Minha mãe trabalhou a vida inteira em Madureira, agora que... Trabalhou em Nova Iguaçu... [AF- Na época do negócio de roupa foi em?] Madureira. Foi Copacabana e depois foi em Madureira.

AN- Teu bisavô, ele veio também de São Sebastião do Alto também?

DMA- Foi. Eu conversando com Roberto (Lara) que era ex-Secretário de Cultura. Não é (?)? [Pessoa não identificada- Positivo] E o Lara falou que era muito garoto. Conversando com ele assim, e ele falou: “Pô, tinha um cara que era braço direito do Seu Lobato, que era dono dessa porra toda aqui ...” É, falou o nome do meu avô né. O nome do meu bisavô. Aí eu falei “porra, mas como assim?”. Aí o cara: “Não, mas o coroa era muito maneiro, trocava ideia comigo, me ensinava um monte de coisa. Me contava história que ele teve no quartel, (que ele não tinha chave, que ele enfiava), que ele vinha andando lá de baixo pra casa...” Aí eu falei: “Pô, meu avô cara.” Ele: “Pô, sério mesmo? Ó que legal. Não sei o que mais...” Aí eu cheguei em casa e perguntei pra minha mãe, aí minha mãe: “É teu avô mesmo. É teu bisavô mesmo e tal.” Então assim, é... Veio. Meu bisavô que veio pra cá com minha bisavó na época, trouxe os filhos, pra morar aqui. A partir daí que começou...

AF- Ele era o cara que administrava pro cara que era o dono das terras, é isso?

DMA- Na verdade ele não administrava. Ele era aquele cara que roçava... que... [AF- Tomava conta.] Tomava conta. Tudo que tinha que fazer, era meu avô que fazia pro cara.

AF- E aí, aqui na época era o quê? Plantação?

DMA- Era... Tava começando... Aqui tinha um postinho de gasolina, que era do Seu lobato. Tinha uma padariazinha. Tava começando a acabar o lance das plantações pra começar os comércios, essas coisas assim.

AF- Você estudou por aqui mesmo?

DMA- Ó, eu estudei, ahm... Jardim de infância... Foi tudo aqui. Eu estudei aqui, no colégio aqui em cima, no mirim, que é o modelo. Aí saí de lá, fui pro colégio... Se fizesse sol não tinha aula, se chovesse não tinha aula... Aí ela me tirou e me colocou no Luís Silva, que na época era o melhor colégio que tinha aqui. Era um colégio particular. Ralava muito pra conseguir pagar esse colégio pra mim. Aí eu estudei do pré até a oitava série. Aí na oitava, aqui no Morro Agudo não tinha segundo grau né. Fui estudar em Nova Iguaçu no (Ceng). Quando terminei saí com 16 anos, 17, segundo grau... Aí comecei a estudar na Unig. Particular. Aí na Unig eu fiquei dois anos, um ano e pouco, dois anos estudando. Só que não tinha condição de pagar e meu pai “fica aí que eu vou conseguir pagar”. Na escola, na faculdade, o pessoal da secretaria chegava na sala e falava “fulano, sicrano e beltrano não vai receber a nota porque tá em débito com o colégio”. Aí eu ficava com uma vergonha fudida, aí eu parei de ir. E aí eu tranquei. Tava devendo alguns meses, não tinha como pagar...

AF- Você tava fazendo o quê?

DMA- No Palmares. Só fiz isso minha vida toda. Como minha mãe diz, só sei fazer rap e mexer com o computador. Não sei fazer mais nada. {muitos risos}

AF- E o rap, como é que começou?

DMA- É... Eu quando moleque, novinho, assim... doze, treze anos de idade, eu não trocava muita ideia com os outros. Eu sempre sentia que eu era inferior as pessoas né. Assim, quem nem... Eu falo que mesmo aqui no Morro Agudo tem aqueles caras que são pobres e tem aqueles que têm uma condiçãozinha melhor, né. Então esses que tem a condiçãozinha melhor conseguem mais coisas. As meninas olham mais né, os outros amigos querem estar mais perto. Eu tinha aquele lance de não me dar muito bem com isso, não conseguia conversar... Se tivesse mais de duas pessoas eu travava. E me sentia mal. Eu não entendia esse lance de preconceito, de racismo. “Pô, o cara é preto...” A pessoa olha ele meio assim. Eu não entendia pô. Porque criança não entende essa porra. E... até que meu irmão de consideração me deu a fita, de k7 né. Tinha rap. Então tinha Taíde, (Bob)... e os caras falavam várias paradas que eu sentia, sabe como é, e eu não conseguia falar aquilo. Aí eu comecei a escrever também. Eu falava “putz, que maneiro”. Só que eu tinha vergonha de

tudo né. Eu escrevia poema, não cantava... não escrevia rap. E aí eu escrevi essas paradas com... isso com doze, treze anos de idade. Eu também gostava muito do ritmo do funk. O funk antigamente tinha letras, assim, extensas. Então eu fazia tudo assim pensando no ritmo do funk. Até que chegou um dia que o funk ficou farofão. Só montagens. Acabou esses raps e tal. Aí eu fui e comecei a escrever mais nesse ritmo de rap. O pessoal falava que era o ritmo de rap de São Paulo. Aí eu comecei a escrever e só com uns dezoito anos que eu fui cantar a primeira vez. Parece que eu tirei um peso enorme das costas, quando eu consegui. Eu gravei o rap... Primeiro eu queria conseguir escrever, eu escrevi. Aí depois eu fui no estúdio sozinho lá... lá em Campo Grande, longe pra caralho. O cara dono do estúdio era evangélico e eu metia... Falava mal de crente pra caralho na música. {Risos de AF} Aí o cara falava pra mim “tá tranquilo, aqui eu sou profissional, é pelo dinheiro”. {Risos de todos} Aí eu cheguei em casa ouvindo aquela porra. Aí eu, “maneiro”. Eu queria mostrar aquilo pros outros, sacou. Aí eu comecei, aí eu comecei, aí eu comecei a mandar fita... Na época começou a sair lance de CD né. Num era tão normal assim todo mundo ter um gravador de CD em casa. Aí eu investi uma grana pra comprar CD e comecei a fazer contato com uma galera e botar num disco a minha música, junto com a música de uma galera na rua, sacou. Foi tudo...

AF- E (?)... Nessa época, você, pra conseguir grana você já se virava fazia alguma coisa? Lance e informática... O que você fazia?

DMA- Cara, eu comecei a fazer curso de informática, eu tinha onze anos de idade. Então, assim... Eu peguei a época do DOS, essas paradas bem (básicas) né. Então assim, eu acho que eu me seguro até hoje nesse lance né. Faço de tudo com o computador. Tudo que você imaginar eu me viro pra fazer. Então com doze, treze anos de idade eu já ganhava uma grana boa. Cartão de visitas, pros outros né. Já fiz muita merda, já fiz muito... Minha mãe falava que eu ia ser preso por estelionato. O cara falava assim “porra, tem um...”, eu não sabia o que que era, “tem um contracheque aqui da minha empresa, tem como você só mudar um nome aqui em cima”, aí eu “porra, isso é mole”. {Risos de todos} Então a minha mãe ficava puta pra caralho. Falava que isso ia dar merda, que nego ia me botar na cadeia. Então eu sempre ganhei dinheiro com essa parada, sabe qual é? Só que... Aí depois eu fui trabalhar no lava-jato. Eu queria dirigir, meu pai nunca teve carro. Eu falei: “pô, eu tenho que aprender dirigir, quem vai me ensinar essa porra? Vou no lava-jato”. Ralava pra caralho, ganhava trinta e cinco reais por semana. Não tinha direito à passagem, não tinha comida, não tinha nada. Eu trabalhava, o dinheiro eu gastava todo lá mesmo no lava-jato: comendo... E... Aí nessa época da escolha até do estúdio... Fiz um estágio na Petrobrás também, ganhava dinheiro pra caralho. Aí eu comprei meu computador, sabe qual é? Fiquei onze meses lá. Assim, sempre eu com a minha grana entendeu? Eu nunca pedia muito as coisas pro meus pais porque eu sabia que eles ralavam muito. Meu pai, pra gente comer em casa. Meu pai trabalhava pra comprar comida. E minha mãe trabalhava pra pagar meu estudo. Então é... brinquedo era só no Natal. No meu aniversário, era em março, ninguém

tinha dinheiro no meu aniversário. [Pessoa não identificada- Você é filho único?] Eu sou filho único. Minha mãe falou que não dava pra ter dois filhos não, senão ia dar (?). Não queria nem um, pra falar a verdade. Mas aí... {Risos} Esse ela deixou.

AF- Mas aí, você fez o rap. Você começou a mostrar... O pessoal gostou... e tal. Você mostrou pra quem primeiro?

DMA- Então, eu comecei a fazer rap e aí, foi mais ou menos nessa época que o Enraizados. Porque assim, eu não conhecia ninguém que fazia rap no Rio de Janeiro. Existiam várias pessoas que faziam rap, inclusive em (Morro Agudo). Existia muita gente. Só que eu precisava conhecer pessoas né, pra mostrar o trabalho. Porque eu falei assim pô “do mesmo jeito que eu não conheço ninguém, tem alguém fazendo rap aí que não conhece ninguém, então vamo colocar essa galera em contato”. Aí eu fui... Eu namorava uma menina em Barra do Piraí, fui pra Barra do Piraí. Comprei uma revista, “Rap Brasil”, que hoje o dono da Rap Brasil é nosso amigo. E tinha alguns endereços lá, e eu mandei algumas cartas... Só que porra, eu falei, eu não vou falar que eu sou o Dudu, nem era... Flávio, que mora no Morro Agudo e não conheço ninguém, o cara vai falar “porra, como é que eu vou na ideia desse cara?”. {Risos} Aí eu falei que fazia parte do movimento (?). Que tinha gente demais assim. Porra, fortíssimo no Rio de Janeiro. {Risos} Aí eu mandei três cartas e recebi trinta de volta. Porque no hip hop a gente tinha o costume... agora é com e-mail, mas era com carta. A gente mandava uma carta, aí tu pegava meu endereço e passava pra eles todos. “Ó, tem um cara no Rio lá que...” Aí eu troquei ideia com ele. Aí todo mundo me escrevia. “Porra, maneiro. Carta pra caralho. Vou responder essa porra toda”. Então eu tava respondendo, eu mandava trinta chegava noventa. Aí eu falei “fudeu!”. Aí eu “essa aqui eu não vou responder, essa aqui eu não vou...”. {Risos} Pegava meu endereço mandava pro cara. Aí foi aí que surgiu, eu falei “porra”... Minha mãe falou “esse moleque num tá mais... num joga bola mais, não solta pipa, não faz mais porra nenhuma, só que ficar respondendo carta e ouvindo rap. Tem alguma coisa errada.” Aí ela me chamou e falou: “Ó, você faz alguma coisa, mas do jeito que tá não pode ficar não”. Aí eu falei, “pô, eu tenho que fazer alguma parada pra parar de receber essas cartas todas”. Aí que foi a ideia de fazer o primeiro site do “Enraizados”. Aí primeiro, eu falei “pô, vou pagar alguém pra fazer essa parada”. Chamei o cara, aí o maluco meteu a faca. Não meteu a faca, cobrou barato. Hoje, o cara me cobra duzentos reais hoje... Na época... porra, era dinheiro pra caralho. Eu falei, num dá malan... Aí eu fui fazer um curso então. Aí eu fui ver o curso, caro pra caralho. Aí eu falei “pô, vou fazer essa porra sozinho”. Fazia um monte de coisa com informática, já programava em algumas linguagens, clipper, (?), essas coisas. Aí tinha duas linguagens php ou asp... “Qual vais ser? Ahm...” Escolhi asp, a errada. Aí eu fiz o site todo em asp, agora tô mudando pra php por causa do software livre, nossa ideologia. Aí comecei a fazer o site, aí colocamos o site no ar. A primeira vez foi só em html mesmo, e agora, assim... Tinha trinta visitas por mês o site, e eu sabia quem eram os trinta que visitavam. O endereço do cara, sabia tudo. Aí esses caras começaram a vestir a camisa do Enraizados. Aí já tinha um

corpinho, o Enraizados já era um molequinho e... só que era só arte mesmo. Aí começou... Vai música pra lá, manda música pra cá, vai fita pra lá, fita pra cá... Aí eu falei, pô, eu falei “vou fazer a primeira coletânea”... Inclusive tá até aqui dentro. Primeira coletânea... Primeiro CD pirata totalmente original, que é todo feito em casa assim. Todo mundo liberou as músicas mesmo. Aí depois de muito tempo a gente descobriu que era (*creative commons*). A gente fazia essa porra a um maior tempão, botava na pista, levava pros camelôs... Não sabia que a gente tava fazendo essa parada.

AF- Você juntou tudo, começou a fazer cópia...?

DMA- É. A gente fez uma capinha em casa, e tal... Aí fiz uma capa colorida, maneirona. Só que fazer (?) era caro demais. [AN- É.] Aí o maluco, “pô, vai na foto cópia e tira xerox”. Aí eu trabalhava no Alto da Posse, um mercado ali, aí tinha um servidor, só tinha um gravador de CD. Aí eu chegava pro cara da informática “é o seguinte, eu trouxe uma coletânea, tá ligado, nacional, só que tem que copiar CD e eu não tenho essa parada”. O maluco, “já é!”. Pegava o CD, o cara, trinta cópia. Botava pra copiar, aí ficava lento o sistema. Aí o pessoal “travou aqui!”, aí ele “péra...”. Tava na vigésima cópia ainda. Faltava dez. Todo mundo lá esperando o cara trabalhar e o maluco copiando minhas coletâneas. Aí ele chegava... trinta. Enquanto isso tinha outro tirando cópia da capa. Aí montava as paradinhas, botava, já embalava, mandava pelo correio, colocava Alto da Posse, remetente né. Destinatário, fulano de tal, Paraíba. Aí já ia. Chegava lá, falava que o Alto da Posse era o patrocinador maior da gente. {Risos} Tava falindo a empresa, mas não foi eu não. {Risos} E aí começou, só que era só a arte né.

AF- Aí vocês mandavam de graça? Como é que era o esquema?

DMA- Quem pagava era o alto da posse. {Risos} Só pagava a capinha mesmo.

AN- E aí... Circulou tua música, começou a circular teu nome também e tal...

DMA- Circulou e... Tem um lance assim, engraçado. Até tenho um amigo lá em São Paulo, o Valter, que ele escreveu um livro, que ele fala uma coisa que depois eu “porra, é mermo, essa parada é verdade”. Antigamente todo rapper tinha que ter um palavrão e um tiro: “foda-se, pá!” {Risos} E ele fala que a música do cara era toda sobre educação. Aí, de repente um tiro “pá!”, no meio. Aí eu falei “caralho”, sem contexto, sem nada. Aí eu falei “pô, verdade”. E eu parei... Assim... Minhas músicas são todas experiência, né cara. Aí você vai escrevendo... Aí no começa tu fala “pô, vô fazer essa parada assim”, a música fica pesadona. Os caras do gangsta rap fala “porra mermão, pesado, maneiro”. Aí eu fui cantar aonde? Numa creche. As criança “canta aí tio”, eu “porra, num dá não!”. {Risos} “Só uma tio”. “Não, não dá não!”. Aí tem que mudar pô. Eu tenho que fazer as mesmas paradas, mas sem... Sem colocar palavrão. Porque a gente vai numa parada cheio de pai de família, a mãe da galera... tu cantando uma parada cheia de palavrão. Tu pode cantar a mesma coisa, com o mesmo peso, tudinho, mas... né, com uma (?) né. Fica tão pesado quanto. Aí eu comecei a

mudar, fazer uma letra assim... Aí fui tendo uma experiência diferente na composição, mas essa época do Enraizados era só arte. A gente não queria saber de porra nenhuma. Inclusive... eu tinha, assim... que a gente gastava grana... Eu preferia gastar... Eu ficava esperando minhas férias, pra lançar (?) nova. Pegava meu dinheiro das férias... Porque falava comigo de política, eu já ficava puto. Eu não queria saber... (?) político era partidário. (?) bastante tempo. (?) só arte. Quando a gente ficou mais famosinho no Rio de Janeiro, aí tinha aquela galera, aí depois de muito tempo que começou a ter a gente aqui no Rio de Janeiro do Enraizados, era só... fora. [AF- Só fora] Aí o cara da (Paraíba) me ligou e falou “Dudu, tá indo um rapaz aí que é de Campina Grande, dá uma força aí pra ele”. Aí eu falei “pô, já é!”. Aí o maluco veio, aí chegou um de Monjolos, também, queria fazer rap, aí veio pra cá. Aí começamos a produzir os caras. Na época ninguém produzia rap assim, ninguém tinha os programas. Ninguém tinha computador. Comecei a produzir a galera, aí fui conhecendo a galera de Morro Agudo também que (?) até hoje.

AF- Começou a juntar bastante gente.

AN- De onde vem o nome Enraizados?

DMA- Pô, precisava de um nome né cara. Eu falei “pô, tem que dar um nome pro movimento”. Engraçado, que em Barra do Piraí tinha um cara, Juninho o nome dele, ele é... rasta. E ele é maconheiro pra caralho, então ele viaja o tempo inteiro. Aí tu falava com ele, ele fica viajando... Sabia que ele não tava te dando a mínima atenção. Aí ele... {Risos} (?)... o bagulho é foda... As palavras viajavam na cabeça dele, aí... {Risos} Aí esse lance começou a pegar, aí a gente começava a gastar com ele sobre isso. [AN- Adorei...] Tem uma frase... Aí eu comecei a ouvir rap também, então eu comecei a estudar muito a letra do Tupac, que é um cara que eu me amarro pra caramba na escrita dele. E tem uma frase dele que diz que “quanto mais escura a pele, mas profundas são as raízes”. Aí eu juntei essa parada com a zuação do Juninho e tal, e botei o nome mesmo, Enraizados.

AF- Deixa perguntar uma coisa... Uma coisa anterior. Depois a gente volta pro Enraizados mesmo. Você tem trinta anos, você sempre viveu aqui, quer dizer, o que você acha... Quais foram as maiores mudanças que você viu aqui no Morro Agudo, desde que você se lembra assim, de criança, ou até do que tua família conta, quer dizer, o que que mudou, o que que piorou, o que melhorou?

DMA- São assim... As mudanças mais... mais notáveis, foi o seguinte. Aqui... As ruas aqui não eram asfaltadas então a gente via muito nas eleições os políticos muito mal intencionados, chegavam... a galera sem formação nenhuma, sem informação... eles colocavam umas manilhas, contavam uma história... Só que depois que a gente começou a correr atrás a gente viu que as ruas estavam todas asfaltadas na prefeitura. Então isso causou um super mal estar... Por que assim, a gente... achou que nunca mais iam asfaltar... Tinha rua que tinha três vezes asfaltadas. Então a gente sabia que esse dinheiro tava indo

pra alguém, mas isso não vinha pra cá. Então chegou uma época que... é... As ruas começaram realmente a serem asfaltadas, mas depois a gente descobriu até porque, não foi nada que o prefeito era bonzinho não. É que não tinha pra onde ele correr mesmo. Então asfaltou. Então foi uma mudança assim que a gente começou a se sentir cidadão mesmo. Trabalhar, estudar e ter uma rua bonita. Chovia, a rua, às vezes, tava aquela lamaceira né, ficava bonita. O chão ficava mais vivo e tal. Então foi uma mudança, que a maioria das ruas, não do centro, mas das periferias, começaram a ser asfaltadas. É... Teve uma época que, assim, a violência aqui era muito grande de... assim... Tem um filme que a gente fala sobre isso... que era normal eu acordar, ter que ir pra escola e eu ter que pular corpo... era normal mesmo. Não era... Criança não ficava assustada não. [AF- Tava acostumada já.] Acostumada. Era normal. E assim... E essa galera que morria e que matava era tudo cara mais velho, sacou? Depois dos trinta que... Então, o tempo foi passando, agora... Eu vejo uma mudança, que... o seguinte. Essa galera que tá morrendo, que não é com tanta frequência, mas... A morte diminuiu um pouco, não é com tanta frequência, mas quando morre não é só depois de trinta, é de quinze a vinte e pouco, da minha idade, vinte e cinco, vinte e seis anos, e a droga, o consumo de drogas, tá muito alto. Entendeu? Então, assim, a galera não estuda. É evasão escolar. Antigamente você via a maior galera indo pra escola. Hoje em dia, tem a maior galera na rua sem fazer nada. Sacou? É... Acho que daí pra pior, entendeu? Assim... E se não intervir...

AF- E o que que rola? O que o pessoal consome?

DMA- É muita cocaína cara. Sabe qual é? Maconha... Não rola muita maconha aqui no meu bairro. É muita cocaína.

AF- Crack não?

DMA- Ainda não vi não. Mais... (?) Molecada nova. Entendeu?

AF- Esse lance da violência que você fala assim, (você fala de) pessoa mais velha, mas era o quê? Muito esquema de grupo de extermínio e tal?

DMA- É... Porque assim, era, era... Antigamente, a gente via as histórias, roubo... era... Roubava carro, essas coisas assim, aí os caras se desentendia, se matava. Aí era o cara que não queria (?) comunidade, vinha, matava os caras, mas era tudo adulto mesmo.

AF- Mas tem esquema assim de algum grupo que controle a área, do que pode e do que não pode? Ou um ou mais de um? Tem ou já teve? Ou não?

DMA- Hoje em dia é... tem esse lance de milícia, tá ligado? Assim... Só que tem lugar que é mais forte a presença e tem lugar que é mais tranquilo. É... antigamente... E tem também umas boquinhas de fumo, mas nada assim... é... Pequenas empresas. A galera se conhece. Tem uma área, quem manda é o fulano de tal. Então se vai morrer alguém na área, o outro que vai matar tem que vir falar com ele. E nisso tudo, a polícia totalmente omissa, assim.

Finge que não vê. Os caras ficam discutindo segurança pública aê. Aí o pessoal falando que “polícia militar, polícia militar...”. Aí “não, a polícia civil também”. “A polícia civil não, não acontece nada”. Aí eu falei: “Camarada, quando você for assaltado tenta registrar, fazer o boletim de ocorrência na delegacia. Você vai esperar duas horas. O ladrão pode ir embora a pé, assim”. Que a polícia não vai pegar eles, que eles não tem interesse nenhum. Ainda zoam da sua cara sacou? Você, cidadão... Aí tu vê que um bandido tem mais valor do que você pro policial civil. Não vou nem falar da militar não, que até... apanha tanto. {Risos}

AF- Agora, assim, em termos de... Cresceu muito a população? Continua crescendo?

DMA- E agora o Morro Agudo, né... Nem concluí. A mudança tá aí no... Você vê que assim... Tá todo mundo vindo pra cá cara. Você tem dois bancos aqui. Minha mãe falou que nunca imaginou que isso um dia pudesse acontecer. Dois bancos... Tem uma porrada de supermercado, né... Farmácia... Então parece um centro de uma cidade e não o centro de um bairro. Entendeu? E se você parar pra beber uma cerveja ali no Continental, você vê Land Rover, Audi, passando pra (Austin). Entendeu? Então a galera tá vindo, classe média, alta, tá vindo do centro do Rio, que a chapa tá quente lá, e tá comprando sítios e fazendas já pra dentro. [AF- Sei.] Que a violência lá, comparado com a (?) de baixo é quase zero. [Pessoa não identificada- Hoje você já consegue ter uma estrutura, uma estrutura do bairro de Morro Agudo que antigamente você não tinha. Então você consegue fazer as coisas aqui dentro que antigamente você precisava se deslocar pra Nova Iguaçu]. Aí gera mais emprego. A galera tá trabalhando...

AF- O pessoal trabalha mais em que, assim? O pessoal daqui.

DMA- Assim, a molecada é... O primeiro grande problema é arrumar o primeiro emprego, sacou? Ninguém quer dar vaga pra molecada porque a molecada não tem experiência. Se você já tem uma experienciuzinha trabalha nos supermercados... né. No banco, eu vi uma menina um dia desses, que mora perto da minha casa, que tá trabalhando nesse banco aqui, mas não é normal. É normal ficar no mercado, nas farmácias... Essas coisinhas assim, sacou? Daí... [AF- Comércio local?] Comércio local. Tem uma loja de um e noventa e nove que trabalha as meninas aqui do bairro... mas emprega. Antigamente elas teriam, ganhariam a mesma coisa trabalhando no centro do Rio. Não é nem em Nova Iguaçu, é no centro do Rio. Então... Tem a condução, que, que é o que mais cansa, é a condução. Passa mais tempo...

AF- E gasta né. Tem mais alternativa pra que?

DMA- Notavelmente, a gente vê essas (mães?) e mais coisas. Assim, se você for comprar uma casa aqui hoje é um absurdo o preço. Muito caro. Tem terreno que estão pedindo um milhão. Esse terreno aqui tá perto de um milhão, sacou? Assim, sem noção. Antigamente o pessoal dava. (?) Hoje em dia tá tudo caro. Eu não consegui entender ainda isso. A gente, eu e meu irmão, a gente conversa muito: “O que será? Esses caras tão vendo coisa que a

gente não tá vendo ainda.” E começa a ser muito, é... A desigualdade começa a ser gritante agora né... que meu vizinho tem Land Rover. Tá ligado? O carro dele custa mais caro que minha casa.

AF- E isso não tinha. Todo mundo era... [DMA- Era...] Mais ou menos na...

DMA- O cara que tinha mais dinheiro tinha um pouquinho a mais. Tirava uma ondinha a mais. Entendeu? Tinha um... Sei lá, um... um Pálio zero, aí tu andava de bicicleta. Então era uma parada que tu... fica assim... Pô, mas o cara de Land Rover começa a querer ostentar. Pode ser que daqui um tempo isso dê merda. O cara fala “porra, esse aí tem dinheiro pra caralho, vamo invadir a casa dele, vamo...” Já acontecia muito isso aqui na região.

Pessoa não identificada- Ô Dudu, você falou das crianças, que antigamente você via as crianças caminhando pra escola e hoje já nem tanto né? Em relação a essas mudanças você nota alguma diferença na taxa de natalidade dos mais jovens? As garotas, os garotos estão sendo pais [AF- Mais cedo?] mais cedo?

DMA- Vô te falar, assim... o que eu presencio. Eu tenho duas filhas. Tenho uma filha e uma enteada. Minha filha tem nove e minha enteada tem dezesseis. A enteada fez quatorze anos, quer namorar, quer... e não tem ideia... quer e tal... Então tá dando ideia. E a gente sabe que os moleque não estão de bobeira também, que agora, assim, sexo é supernormal pra eles só que eles não se previne de nada. Então eu vi que (?) Te dá uma ideia. Uma amiga dela, assim, na minha rua, com quatorze anos, é mãe. Aí, assim... Serviu de exemplo. Eu falei “ó, num falei”. Pá, num sei o quê. Aí ela já arrumou um namoradinho. Moleque maneiro. Aí eu não dou umas ideias nela, eu dou umas ideias nele. Falo “ó maluco, você tá ligado hein”. {Risos} Aí eles falavam, assim, da minha vizinha: “Pô, o pai dela, não sei o quê... já é coroa, evangélico e deixa a menina namorar em casa. Você é quadrado, não sei o quê.” Aí eu falei: “Deixa aí o meu quadrado. Tá tranquilo.” A menina com treze anos, grávida. (?) Aí eu falei: “Tá vendo aí ó. Cara redondinho, aí assume. Porque quem vai cuidar não vai ser a menina, vai ser o pai.” Nesse caso, a menina continua estudando normalmente. Que o pai segurou, o pai que teve o filho. Na mesma rua outra menina engravidou, nova, dum cara casado, tá ligado? Então, assim, a mãe dela falou: “É contigo mesmo!” Então essa parou de estudar. A outra, também amiga da minha filha, parou de estudar. Na casa da vó dela, do outro lado, tem uma menina de doze anos. A menina tem doze anos, tem um filho. Então você vê que assim, o negócio já ficou... não é espanto mais. Na minha rua tem quatro, cinco... Tá ligado. Algumas param de estudar, por causa disso. Outras não param porque o pai assume. Isso, assim, influencia muito. Eu acho assim, eu acho que as crianças... Tem muita gente indo pra escola, só que eu vejo muito mais gente, muita gente na rua, o tempo inteiro na rua. Aí, alguns pais trabalham, né, alguns pais não ligam pra porra nenhuma mesmo... Eu sei que os moleques tão na rua. Os motivos reais disso... [AF- Não. É mais o que você tá percebendo mesmo.]

AF- E... Fala mais então... Depois que vocês criaram começou a ficar conhecido. Você falou, primeiro fora, depois começa a ficar no Rio e quando é que vocês começam a ficar mais conhecidos aqui no Morro Agudo mesmo? Começou a envolver mais gente... O que vocês forma fazendo, como ficou a história do movimento?

DMA- O Enraizados, ele foi muito virtual por bastante tempo. A gente era itinerante assim... O único lugar mais fixo era a internet, que tinha o endereço certo, do portal. Só que a gente tava em tudo enquanto é lugar. Então era normal a gente fazer eventos em favelas, entendeu? Eventos de futebol... A gente levava a galera do rap pra jogar bola com a comunidade e tal. E a gente conseguia reunir muita gente. Aí tinha uma galera do Nordeste que só discutia política, de uma maneira geral e tal, e ouviram falar que tinha uns moleques no Rio que aglomerava gente pra caramba através de arte né, e tinha uma consciência do que era o certo e do que era o errado. Aí os cara, “vamo lá trocar uma ideia com eles”. Aí vieram... Até o Preto Ghóez, Lamartine... [AF- De onde?] Do Maranhão. Aí vieram pra cá, ficaram dois dias com a gente, isso na Praça Seca. Chamaram a gente pra fazer parte do (MOB) que é o Movimento do Hip Hop organizado Brasileiro e eles contaram altas histórias, que a gente tinha que intervir porque senão os políticos corruptos iam continuar roubando, nossa comunidade ia continuar na merda, que se a gente ficasse tampando os olhos pra não ver... aquela lenga-lenga toda e... Os moleques tudo assim né... E eu, “porra nenhuma, isso é o maior caô do caralho, é mais um vacilão...” Aí o cara falou: “E aí, o que vocês acham? Vocês vão fazer parte?” Eu falei: “Olha só a gente tem uma maneira de trabalho, aqui a gente trabalha dessa maneira, não sei o que, você vai querer ditar pra gente as regras...” O cara falou: “Não. Ditar regra nenhuma. Vocês vão continuar... Quem sabe da história de vocês é vocês. E eu acredito que vocês não vão fazer merda aqui pra sujar o nome de vocês, então vocês não vão sujar o nome do (MOB).” Eu falei: “Pô, que vocês acham?” Os moleques: “Não. A gente acha maneiro. Não sei o que.” Então eu falei: “Então a gente entra nessa porra.” Isso tava em 2003, mais ou menos. Aí entramos, aí começou a... Não, 2002. Aí começou a ter reunião, seminário, uma porrada de coisa no Brasil todo. Aí os caras me convidavam: “Pô, tu vem?” Aí eu falei: “Pô, isso aí é só... só conversa meu filho. Vou não.” Aí mandava um ir, aí o maluco ia, aí ficava dois, três dias lá... [AN- No Maranhão?] Ah, vários lugares: Maranhão, Piauí, Porto Alegre... Sempre que tinha alguma coisa a galera ia. Aí os caras que iam eles voltavam transformados. Falando bonito, eu não entendia nada. {Risos} Aí eu falei: “O que tá pegando contigo malandro?” “Pô, a gente precisa discutir políticas públicas, a gente precisa aprender não sei o que...” Eu falei: “Pô, estragaram mais um meu. Ninguém vai mais nessa porra não malan.” Aí, “Dudu tem outro não sei aonde, vai?” Eu: “Não.” Aí mandava o outro, o outro ia, voltava igual ao primeiro. Aí começou, aí os caras começaram a pensar mais em organização em ter papel, em quantificar. E eu nada. Eu só rap, produção, noite, mulher, cerveja e gente, muita gente. Muita gente. Aí chegou um dia que eu acho que a galera falou assim “porra, ninguém vai não, deixa ele ir”. Aí: “É você!” “Eu não vou.” (?) Aí me (rendaram) a primeira vez. Aí eu falei: “Caralho. Pô, maneiro.” Fui pra Porto Alegre, fui pro Fórum Social Mundial. [AN-

Qual deles?] [AF- 2003?] 2003. E chegou lá, aí eu comecei a ver o poder, o peso que tinha aquelas palavras né. Porque eu não tinha noção disso. Aí o pessoal tudo: “É isso aê! É isso aê!” Aí eu falava: “Pô, eu não concordo não.” Aí todo mundo: “Olhando assim eu acho que não concordo também não.” {Risos} Caralho bicho, os caras não tem opinião própria pô. Aí a galera começou a me tirar como liderança. Entendeu? “Porra, esse maluco aí tem que ficar...” E no (MOB), assim, eu era mais um, não discutia porra nenhuma. Aí a partir desse dia: “Dudu tem que ficar na comunicação do (MOB), responsável pela comunicação geral, que não sei o quê...” Aí eu voltei depois disso falando bonito igual à galera. {Risos} Aí começamos... Aí começou a discussão dos pontos de cultura. Ah, teve um lance maneiro lá no Fórum Social Mundial, esse foi um dos motivos de eu ter ido, tinha uma palestra sobre software livre. Aí os caras: “Não. Dudu que é o cara da informática. Dudu que tem que ir.” [AF- (?)] Foi o Cláudio Prado. Cláudio Prado e a Fernandinha... A Fernandinha... [AF-Sei.] Aí falou: “Vai dar a palestra você a Fernandinha e o Cláudio Prado.” Eu falei: “Fudeu cara. Eu não sei nada.” Aí o cara: “Mas o nada que você sabe é mais que todo mundo sabe.” Peguei a internet e comecei a decorar aquela porra toda. Cheguei lá no dia, a Fernanda não foi, aí foi o Cláudio Prado e falou: “Não. Você começa.” Aí eu, “obrigado”. Aí eu falei: “O software livre, é da liberdade, porque é livre. Então...” Aí eu acabei, em três minutos. Aí o Cláudio Prado: “Então, só complementando o que o amigo falou, o que o companheiro falou...” Ele falou duas horas amigo. {Risos} Aí eu comecei a fazer parte do grupo que estudava os equipamentos que seriam usados no ponto de cultura, tal. E aí uma hora eu consegui aprovar oito pontos de cultura. Aí, nisso eu já tinha ido pro Piauí. Eu vi no Piauí um espaço de referência do hip hop que era só molecada que eles que conseguiram tudo aquilo ali. E o Piauí era muito ruim, na moral gente. Assim, não desmerecendo o lugar, mas é muito difícil conseguir as coisas ali. E os moleques conseguiram uma parada muito gigante. Eu falei: “Pô, se eles conseguiram isso aqui, não é possível que a gente não vai conseguir em Morro Agudo.” Aí foi aí que voltamo mesmo, pra ficar em Morro Agudo... A gente já tinha conseguido um ponto de cultura que teoricamente ia sair depois de dois meses, três meses, demorou acho que um ano e pouco. Aí eu chamei o Léo da treze que é um moleque que fecha comigo em Morro Agudo, desde doze anos de idade que ele tá com a gente. Aí eu falei: “Pô Léo é o seguinte, reúne a galera do hip hop de Morro Agudo...” Que eu conhecia cinco, seis malucos. Achei que ia chegar uns dez... “Que a gente vai ter uma reunião, que vai ter uma parada boa pra gente.” Todo mundo queria produzir, queria fazer arte e tal. Aí o Léo foi e saiu falando com todo mundo, um falando com o outro. Aí a gente foi e pediu o espaço no Ciep ali, aí chegaram sessenta pessoas que praticavam hip hop no Morro Agudo. Identificadas, sessenta. Foi cinquenta e nove. Que foi o Dumontt que veio junto que era um cara do teatro. Um amigo nosso queria apresentar a gente e tal. E eu tava acostumado a trabalhar sozinho. Trabalhar mesmo, assim, gastar o dinheiro, eu que gastava. Se fosse escrever alguma coisa, eu que queria escrever. Eu sempre fui o acostumado com isso e nunca discuti com os caras por causa disso. Aí a gente veio, falei com a galera: “Ó, a gente tem que ficar na nossa comunidade, a gente não pode... O futuro da molecada depende da gente.” O hip hop e aquele discurso né, que eu aprendi em Porto

Alegre. “O hip hop salva vidas!” Todo mundo: “Ah! Essa porra mesmo!” Aí foi todo mundo embora e esqueceram o que eu falei. {Risos} O Dumontt voltou. Aí voltou cheio de ideia. Aí ele começou a contar história. Ao mesmo tempo que eu trabalhava com o Enraizados aqui ele trabalhava com a Companhia em Cena aqui do outro lado da linha do trem e a gente não se conhecia. Todo esse processo que eu te contei, desde dois mil e tanto, ele passava pela mesma parada do lado de lá. Aí nesse dia a gente se conheceu. E ele fala assim: “Porra.. Aí Dudu fiz isso, isso e isso...” Aí eu falei: “Qual é a desse maluco mermão? Só eu que trabalho nessa porra, como é que esse maluco quer trabalhar também...” Aí eu falava: “Fiz coisa pra caramba também. Olha o que eu fiz.” Aí ele: “A é. Fiz isso aqui!” {Risos} Aí a locomotiva começou a funcionar. Então a gente pá. Um trabalhava, o outro trabalhava. [AF- E um botando pilha no outro.] Aí ele porra... Assim, o lance da burocracia mesmo... Porque (?) movimento, é movimento mesmo. Já era uma instituição legalizada, tudinho. Aí ele conhecia as dinâmicas de grupo, porque ele pegava a molecada. Eu falava pra caralho, cantava rap. Ele, não, todo mundo integrava. Aí então a gente começou a ir pra praça. Chegava na praça, era quarenta, cinquenta maluco na praça, abraçando... Aí o pessoal passava: “Os drogados! Todo mundo doido!” {Risos} Aí a molecada vindo, assim, a gente não tinha nada pra oferecer. Isso que é o mais maneiro. Nada. Só tinha a praça e a palavra e o abraço mesmo. Nada, nada. Hoje em dia eu tenho consciência e falo assim: “Por que essa molecada ficava ali com a gente? Tá ligado?” Aí a gente ia pro bar da frente depois pra gente escrever o que a gente achava que era projeto. Ter as ideias doidas e escrever as paradas. Mas aí tinha dia que a gente não tinha nem um dinheiro pra comprar uma água, aí o cara do bar falava: “Não. Esses caras são maneiros deixa eles aí.” Até que passou a Rosinha e falou essa parada pra gente: “Ó, comprei um terreninho lá, não fica aí não. Fica lá no meu terreninho. Vocês se reúnem lá no dia em que vocês quiserem.” Aí eu falei: “Vou lá no terreninho dela pra ver e tal.” Porra, chegamos, a parada gigante. É muito grande, assim, e ela é mãezona. E ela acordava... Sábado a gente chegava lá sete e meia, oito horas da manhã na casa dela, ela deixava... Abria o portão, aí trazia água pra galera, botava as cadeiras, aí falava “vou dormir gente, não liga não”. Aí voltava pra dormir, a gente fazendo a maior zueira na casa dela, bagunça. Muita gente. Sabe que adolescente é aquilo né. Ficamos ali sei lá quanto, um ano, sei lá...

Dumontt- Ficou até vir pra cá. Quando a gente tava no outro escritório... [DMA- A gente tava lá ainda né.] Lá não tinha lugar pra se reunir. (?)

DMA- Aí o Dumontt falou assim, e ele fala que eu sou muito conservador né. Aí o Dumontt falou assim pra mim: “Pô, Dudu a gente precisa de um escritório pra receber as pessoas.” Vocês vem aqui hoje... “Um escritorzinho pra receber a galera.” Aí eu falei “mas escritório tem custo”. E eu trabalhava. Duas filhas, casado, ganhava quinhentos reais por mês. [AF- Você trabalhava...] No mercado.

AF- No mercado você fazia o quê?

DMA- Trabalhava com contas a pagar. Entrei pra trabalhar na informática, aí faltou um cara um dia no contas a pagar. Eu trabalhei, foi legal. Nunca mais me tiraram de lá. Fiquei dez anos. Aí eu falei pro Dumontt: “Isso vai dar merda cara. A gente não ganha dinheiro com esse negócio de Enraizados.” “Dudu, a gente vai conseguir cara. Vamo embora...” Aí alugou o espaço. Aí eu: Essa porra vai dar merda, vou ter que gastar a porra do meu salário...” {Risos} Aí ficamos.

Dumontt- E tinha dias que não tinha dinheiro mesmo. Não tinha da onde vir dinheiro. Antes, o telefone milagrosamente tocava. Alguém chamando pra fazer um show, uma parada assim, e era justamente o dinheiro do aluguel. [DMA- Certinho mesmo, assim.] É uma sucessão de milagres. A gente tá aqui hoje... Uma sucessão de pequenos milagres que foram acontecendo.

DMA- E aí chegou um dia que a gente conversando, a gente falou assim: “Porra, a gente tem que dedicar mais tempo ao Enraizados.” Aí eu falei: “ A gente dedica!” {Agora, ele imita a fala de outra pessoa.} “No horário comercial a gente tem que tá aqui dentro.” {Ele novamente.} “Porra, mas é foda. A gente não ganha dinheiro com essa porra. Tenho família.” {Outra fala novamente.} “Não. Tem que sair do emprego.” Aí eu falei: “Falar que vai sair do emprego é mole. Quero ver tu sair.” Aí ele: “Vamos sair dessa porra.” Eu falei: “Vamo embora!” Saiu eu e ele. “Agora fudeu. Agora tem que trabalhar pra ganhar dinheiro mermão.” Aí começamos. Aí foi uma parte, assim, foi uma das partes mais tristes da minha vida. Que foi foda, foi foda. Só tinha dinheiro pra um ovo com Miojo.

Dumontt- E eu já tinha experiência. Eu já tinha abandonado a Amil e fui trabalhar com teatro. Passei dois anos da minha vida no perrengue. Minha avó que bancou o arroz com feijão.

AF- Você trabalhava na Amil? Vendendo?

Dumontt- Vendendo plano de saúde. Aí uma vez um colega virou pra mim e falou assim. Eu tava num ônibus, um colega virou pra mim e falou assim: “Pô, monta sua barraquinha na Uruguaiana.” Aí eu falei: “É ruim hein. É ruim do motorista parar. Tem guarda pra caramba. Ele não vai parar nunca na Uruguaiana.” Ele falou assim: “Vamo ver se ele para.” {Dumontt disse} “Tenta aí.” Aí ele olhou pro motorista, olhou pro tempo e disse assim: “Uruguaiana, Uruguaiana, onde fica a Uruguaiana mesmo?” O motorista: “É aqui!” Aí: “Caraca! É aqui! Abre a porta aí.” Aí o cara abriu a porta de relance e ele foi: “Vem! Vem!” Eu: “Caraca.” Aí ele falou pra mim e disse assim: “Ó, você tem que aprender uma coisa, tu é um pouco ator e um pouco vendedor. É saber o que você é.” Aí cheguei na Amil pedindo conta. {Risos} Mais ator que vendedor. Aí já passei perrengue antes. Passei dois anos de perrengue trabalhando com teatro. Nessa época eu trabalhava com teatro.

DMA- Aí chegou uma vez... Aí o Luiz conseguiu aquele dinheiro do... [Dumontt- Da Holanda.] Da Holanda, é. Aí a gente na merda, na merda, na merda... Aí eu falei pô...

AF- Já tava de (serviço) aqui? Não?

Dumontt- Ele tinha acabado de chegar. Ele foi lá no escritório, gostou do nosso trabalho. Aí resolveu ajudar a gente...

Pessoa não identificada- Mas como é que o... Você sabe como é que ele tomou consciência de vocês, do trabalho?

Dumontt- É porque já tinha já muita... Muita inserção dentro da prefeitura, nessa época né. Fazia várias coisas pra prefeitura de graça. O tempo todo preparando eventos. Tinham várias pessoas o tempo todo, passando, vestindo a camisa do Enraizados. Você tinha a impressão que todo mundo fazia parte do Enraizados. E aí... Um ficava com medo de falar mal, aí um falava bem e o outro falava bem. Aí foi acontecendo a onda. Aí um quer falar bem só pra dizer que tá junto. Aí “tão falando bem, vou dizer que tô junto, que tô com eles”. E aí a coisa... Quando chegou na prefeitura...

DMA- Teve um candidato que falou assim: “Maluco, eu quero só tirar... Não precisa falar nada não. Só tirar uma foto do lado de vocês, tá tranquilo.” Eu falei: “Putaquepariu, como é que tá o nome da gente nessa pista aê.”

AF- Vocês foram ficando populares então?

DMA- Não... E o pessoal... as vezes... Quem tem que aproveitar mesmo não aproveita. Vem uns pela saco vacilão e se aproveita disso.

Dumontt- Depois que conheceu a gente... Ele, nessa época já fazia articulação do Enraizados (?) e outros projetos que se aglomeram a esse projetão, né. Aí a rede Enraizados foi lançado no dia trinta de setembro de 2005 lá na conferência nacional de (?). Foram seis organizações. (?) de controlar a rede né. (?) Depois disso a rede (?) sozinha. A gente só tenta acompanhar pra não perder o processo. Uma organização coloca a outra na rede. Não precisa passar no Morro Agudo pra saber, se pode... Ninguém manda em ninguém. Aqui é um conglomerado de agentes que se auto ajudam.

AF- Você tava falando antes que no passado vocês estavam com dificuldade também e resolveram fazer um monte de coisa. Já é... [Dumontt- Positivo. Mas antes...]

DMA- Tem esse lance do Luiz. Eu falei: “Dumontt, eu vou almoçar em casa. Eu tenho que ver minha mãe ainda, conseguir comer, senão eu vou ficar com fome.” Aí ele: “Não. Também vou pra minha avó e tal.” Aí eu vim pra casa. {Fala incompreensível} E aí assim: “E agora cara como é que a gente vai arrumar a grana. Tem que fazer um monte de coisa.” Aí ele levou, mandou uma mensagem no telefone dizendo assim: “Dudu...” Muito escroto. “Dudu, acho vassoura quebrou e o Luiz arrumou não sei quantos mil euros pra gente.” Eu falei: “Caralho! Euros!” {Risos.} Eu queria duzentos reais. Mil euros! Porra! [Dumontt- Eram (nove) mil euros na época.] Aí a gente fez o quê? A gente comprou...

Dumontt- (?) da entidade. Eu não me lembro o nome da entidade direito. Mas é uma entidade que... de uma família, milionários, e eles são católicos e eles promovem o catolicismo no mundo todo. Eles ajudam organizações que a Igreja Católica apoia. E nessa época a gente não tinha nem contato com a Igreja Católica, a gente tinha contato com o Luiz, que, um membro dessa família dava aula na PUC e o Luiz conhece, é amigo dela. Aí ele falou da gente pra ela e ela falou da gente pro pessoal da Holanda aí eles disseram “não, só se a Igreja Católica... abençoar.” Aí a gente conversou com vários padres aqui, um padre aqui o maior pela saco, aí a gente foi conversar com o bispo aqui. Dom Luciano. Aí ele foi super, super... [DMA- Super tranquilo.] O... como é que o nome? O pessoal aqui da... [DMA- Cáritas.] Cáritas. O nome do... Padre Bruno, também. Ele foi todo solícito. Então foi pela caritas diocesana. Aí eles pegaram... A gente mandou o projeto. O projeto vai em nome da caritas, aí eles depositam na conta da caritas e a caritas repassa. A gente compra em nome da cáritas tudo. A gente comprou, a gente comprou um cine clube e comprou uma TV.

DMA- Aí ficou comendo Miojo de novo. Nós estávamos com cinquenta mil reais. Aí compramos o cine clube, o projetor, não sei o quê, a tevê, quinze mil e ficamos duro de novo. Que porra. E eu vou dizer pra vocês, seis meses sem usar a tevê. Nem mexemos nela.

Dumontt- Tem até a camerazinha aí. É uma câmera digital, hoje em dia não é profissional. Antes era uma profissional e tudo mais.

DMA- A tevê era o xodó de todo mundo aqui.

Dumontt- Até hoje as pessoas falam da tevê. E ela você pode produzir até. A gente tinha uma camerazinha desse tamanho né, menos que um palmo. (?) Fizemos vários filmes com ela né. Fizemos vários filmes comas duas. E essa aqui a gente fez o último filme “(?) hip hop” que teve pré-estreia dia nove Aí vou colocar uma legenda pra gente levar agora, dia 26, pra França e depois pra Holanda.

Pessoa não identificada- E vocês ficaram seis meses olhando pra ela e duros?

Dumontt- E sem, sem contar... Não tinha condições de... Não tinha coragem de mexer: “Caralho, posso desconfigurar.”

AF- E vocês tinham o apoio de alguém em termos técnica, de tevê, de câmera... ou foi na?...

Dumontt- Na geologia... “Eu acho que é aqui.”

DMA- Hoje em dia. A gente tem... A gente quis fazer esse filme. Chamou várias pessoas que começaram também loucos igual a gente... Só que os caras são assim... Bruno, o Bruno é francês, ficou no Camboja não sei quanto tempo, só trabalhando com filme, com vídeo né. O Cacá, começou a trabalhar com audiovisual. Então assim, eles chegam aqui: “Pô, isso

aqui é assim, isso aqui é assim, isso aqui é assado.” Aí ensinam pra gente como é que faz. Entendeu? O Bruno da aula de cinema pra gente aqui. Então hoje tá bem diferente, mas naquela época... [Pessoa não identificada- No começo foi na (porrada) mesmo...] “A gente tem que ter uma câmera. É uma oportunidade. Vamos investir esse dinheiro? Vamos.” Pegou o dinheiro todo, gastou, pum. Agora fica duro de novo. “A gente vai ficar duro mesmo. Vamo pro Miojo.” Aí fazia o Miojo na casa dela que é aqui do lado do escritório. Fazia o Mijo na casa dela e voltava. Aí nessa época começamos a fazer um monte de showzinho de duzentos reais, trezentos reais. Aí a gente tinha uma conta que tinha mais ou menos dois mil reais. Aí eu falei: “Porra! Tamo parrudão! Tamo rico!” Só que a gente conseguia fazer projeto, a gente fazia projeto: “Pô, porque esse projeto não foi aprovado?” Aí o Dumontt chegou, falou: “Dudu, tem uma parada aí que é um curso pra fazer projeto.” Eu falei: “É mesmo?” Lá embaixo. “Como é que é?” {Fez a fala de Dumontt:} “É um dia.” Cheio de dedos né. Aí eu falei: “Maneiro!” {Fez a fala de Dumontt:} “E é dois mil reais”. “Caralho! Fudeu! {Risos.} Mas Dumontt, a gente vai fazer essa parada eu vou vim, vou ensinar...” Não. Tinha que decidir quem ia. Aí eu falei: “Porra, eu não consigo ensinar porra nenhuma pra ninguém. Então vai tu, que tu sabe ensinar.” Aí ele foi, fez o curso, voltou, ensinou pra quem quis aprender. Aí a gente começou a aprovar uma porrada de coisa né. Aí o primeiro projeto que eu fiz foi do jornal (Child), aí aprovei. Assim, tudo que eu fui escrever aprovei.

Dumontt- Não. A organização se chama (Priest Child). É (?) periférico.

DMA- Aí o Dumontt, aí a gente, aí chegou... Aí o Dumontt viu antes o Prêmio Cultura Viva. Aí começou a ficar ruim de novo né. Aí o Dumontt: “O Cultura Viva Dudu, vamo inscrever...” Eu: “Inscreve nessa porra. Que negócio de Cultura Viva? Sabe que negócio do governo é o maior caozão do caralho.” Aí inscrevemo... Aí nessa época chegou o maluco da (Hits). Qual é o nome dele?

Dumontt- Rubens.

DMA- Rubens não. Robson.

Dumontt- Ele é marido da Roberta Lú.

DMA- Aí a gente durinho, a molecada ia lá pro espaço: “Vim fazer não sei o que lá.” A gente: “Mexe aí.” O computador que a gente tinha que trabalhar, o moleque lá fazendo um vídeo. Aí eles iam embora, cinco, seis horas, a gente sentava cansadão pra trabalhar. Aí o Robson: “Rapaz, tô com o (telecentro) da Petrobrás (?). Só que eu queria deixar o nome de vocês... Aí tem duas bolsas aí que é um dinheiro.” Aí eu: “Duas bolsas!” Olhei pro Dumontt. Vamos receber pelo menos um ano. “E, pô, tem computador, tem dinheiro pra fazer obra e não sei o quê. Só que... Vai ser pra vocês.” Falei: “Porra, maneiro.” {Fez a fala de Robson} “Só que não pode ser aqui.” O escritóriozinho da gente era numa escadaria. Tinha que ter acesso e tal. A gente: “Pô, vamo procurar um lugar pra botar esse telecentro.”

Aí saímos procurando no Morro Agudo. Aí tinha uma lojinha ali fora, pequenininha mesmo, do tamanho dessa lojinha aqui, oitocentos reais o aluguel. “Oitocentos reais malandro, que merda.” Aí continuamos procurando, passamos aqui em frente... mais de dez vezes. “Porra num tem lugar...” Aí passamos nas casas tudo, tudo alugado, ou então era vila. Aí paramo aqui na frente assim, aí olhamos mais pra frente assim, tá escrito: “Aluga-se”. {Risos.} “Porra. Tá alugando.” Aí eu, no meu pessimismo né: “Se a lojinha tá oitocentos reais, isso aí é o quê? Vinte mil.” A galera: “Vamo ligar!” Eu: “Liga não.” Aí ligamo. Mil reais. “Mil reais!” A gente não tinha um real. “Mil reais dá!” Mil reais que era o salário que eu e ele ia ganhar. Mil reais a gente paga o aluguel e continua duro né. {Risos.} “Vamos fazer então.” Aí tudo certo. O cara veio e viu. Aí tudo certo pra gente fazer. E o Dumontt chegando pra ir (?). Aí chegou uma hora o cara falou assim: “Gente, infelizmente não vai rolar...” A gente já tinha alugado isso aqui, contando com o dinheiro que ia vir de lá. Aí o cara: “Gente, infelizmente não vai rolar, porque teve uma intervenção política. E o telecentro de vocês vai pra Miguel Couto.” Onde tem uma porrada de telecentro. Questão política mesmo, partidária.

Dumontt- A eu falei com nossa amada e estimada Marly. [Pessoa não identificada- É a secretária de educação, que na época foi secretária de educação.]

DMA- E na época era de educação e de saúde. Mandava mais que o prefeito, mandava mais que o Lindberg. Aí o Dumont falou: “A gente vai ali e a gente fala lá com o Luiz. A gente faz um trabalho pra ele pra garantir esse aluguel.” (?) Aí a gente foi lá e prestou um trabalho de consultoria (?). Aí conseguimos os aluguéis, não sei quantos meses de aluguel. Só que aqui tava... Aqui era um bagulho de carro tá ligado, de lava jato... Isso aqui tava tudo sujo, tudo esquisito. Aí o Dumontt, aí a gente lá no escritório, sentando conversando... O Dumontt falou: “Ih Dudu, a gente tá entre os cinquenta lá do Cultura Viva”. Aí eu: “Grandes coisa... entre os cinquenta”. {Risos.} Passado uma semana... “Entre os trinta agora... Entre os dez...” Dez já... Quase três mil organizações... Entre os dez né... “Aí, vai vir um cara do Ministério pra dar um rolê, ver o que a gente faz mesmo e tal...” A gente: “pô, tem que alugar um carro, chegar bonito num carro...”

Dumontt- A gente raspou o cofre pra alugar o carro.

DMA- Aí alugamos o carro. Pô bicho, o cara chegou atrasado pra caralho. Aí os moleque tudo trabalhava. Aí alguns foram embora e o cara conseguiu chegar lá... Aí tudo que dava errado os maluco botava a culpa no cara. Aí o cara: “Aqui é pouca gente”. “É pouca gente porque tu chegou atrasado, aí os caras foram embora porra...” Tudo botava a culpa no cara.

Dumontt- E o que não tinha nada haver com ele a gente botava.

DMA- “A luz acabou.” “Mas é claro, tu chegou atrasado.” {Risos} “Se tu chega na hora...” Aí o cara... Aí eu sei que o cara se amarrou. E a gente não falava nada. A molecada tava na sala, aí ele perguntava, aí todo mundo respondia. E tinha um monte de mulher e de menina,

aí o cara: “Primeira organização que tem as mulheres e as mulheres falam, assim...” E nas outras tinha um cara bem mais velho que chegava e contava as histórias e aqui... a molecada falava. Aí ele perguntou qual era o nome da comunidade. Nesse dia, foi sorte mesmo, quando a gente passava tinha gente com camisa do enraizados {DMA imita pessoas gritando} e assim, parecia que a gente era os caras do bairro. Parece que a gente pagou o pessoal pra ficar na esquina, tá ligado. {Risos.} Aí a gente foi na comunidade toda, aí só faltava uma pessoa pra fechar o caixão mesmo, assim, pô “fechamos com chave de ouro”, que era o Aécio da Fase né. Amigo pra caramba. Aí fomos lá na... Qual o nome do colégio que a gente foi ali? [Dumontt- Onde funciona (?)... Lá no Monteiro.] Monteiro. A gente foi lá: “Porra Aécio esse aqui é amigo do Ministério da Cultura ...” [AF- Na Fase?] Na Fase. O cara quer fazer algumas perguntas pra você sobre os Enraizados. O Aécio deu uma cruzadinha de perna... {Risos} Aí o cara: “Me fala do Enraizados aê... O que você acha do trabalho da rede deles e tal...” Aê o Aécio: “Porra cara, eu não acho nada demais”. Aí eu falei: “Filha da Puta. {Risos} Vô mete a porrada...” {DMA volta a representar Aécio.} “Não cara, o que eles fazem... Conhecem as pessoas no Brasil todo, fazem uma articulação, tá...” Aí falou pra caralho, que assim, não é nada demais “porque a Fase também faz isso”. Aí ele falou assim {o Aécio}: “Mas tem uma coisa aí que eu fiquei meio assim, eu não entendi direito. Isso me surpreendeu”. {Representante do MinC} “O que foi?” {Aécio} “Que a Fase tem um orçamento de uma prefeitura de pequeno porte e eles fazem essa porra sem dinheiro. Aí isso me surpreende.” Mandou bem. Aí o cara foi embora. O cara foi embora beijando a camisa dos Enraizados. {Risos} “A gente vai ganhar!” Aí o Dumontt falou comigo depois: “Dudu! Tamo entre os três! Tamo entre os três!” Eu falei: “Porra! Os três!” Dez mil já era nosso, tá ligado. O terceiro lugar ganhava dez mil, o segundo, vinte, e o primeiro trinta mil. Aí o (?): “Vai lá!” Aí eu falei: “Vai lá... Vai tu! Tu que inscreveu nessa porra... (?)”. Aí foi. Chegou lá, primeiro lugar. [Participante não identificado: Foi em São Paulo né?] Foi em Brasília. A gente pegou trinta conto e jogou aqui dentro... [Dumontt- Nunca tinha visto tanto dinheiro na vida. (?) recibo.] A gente jogou aqui. Isso aqui é alugado...

Participante não identificado- Inclusive no site deles tem o vídeo deles recebendo o prêmio. É muito engraçado. Nervoso. “Nunca recebi um prêmio desse. O que eu vou falar aqui...”

DMA- Foi, foi...

AF- Ano passado ainda?

DMA- Foi em 2007.

Dumontt- Dezembro de 2007.

DMA- Era o Gil.

Dumontt- Citou inclusive... Citou João do Vale. Falou em João do Vale. Falou em verso que fala sobre a Maria fumaça... Queimando as pessoas na verdade né. Saia aquela fumaça e aquela faisquinha queimava a roupa das pessoas. As fagulhas... E João do Vale tinha uma música que falava disso, aí ele citou essa música... Aí eu (?): “Minha área. Minha área...” {Risos}

DMA- Aí a gente pegou esses trinta mil e jogou aqui dentro de novo. Aí ficamos duros de novo. Acostumados a ficar duro, tem que ficar duro. Investimos aqui dentro. Só que aí pô, agora, os holofotes viraram pros Enraizados. Aí a gente falou: “Mermão, tá tranquilo agora. Vamos viver benzão. A molecada vai vir aí, tem tudo. Tem uma loja, uma lanchonete, um espaço desses pra fazer o evento... O que pode dar errado?” Deu tudo errado filho. Ninguém entrava aqui. Fazia evento, a galera não vinha. (?) de graça, a galera não entra. Aí botava três reais a galera ficava pedindo pra entrar na porta. Aí eu: “Entra, entra. Depois você me dá esse dinheiro. Entra, entra...” Pra sustentar o espaço... O espaço não se sustenta. Não tem jeito. Aí eu comecei (?) de novo. “Putá que pariu, não deu. A gente não vai fechar essa porra. A gente investiu dinheiro demais aqui dentro.” Aí o Dumontt falou: “Mermão, calma, recuar não é perder. A gente pode fechar esse espaço, voltar pro escritorzinho, depois a gente...” Aí eu: “Porra, voltar? A gente tem um monte de coisa aqui. Onde a gente vai enfiar essas porra toda que a gente comprou?” {Representa o Dumontt} “Calma, calma que vai dar certo.” Aí a gente fez evento... forró... fez tudo aqui dentro. Tudo que é raiz mesmo. Tudo que é... Não botamos “tecno” nada disso. Reggae, forró, samba, tudo isso. E rap a gente fez direto, vinte e um, toda sexta-feira. Sem gastar nada. Com o espaço fechado a gente já gastava dinheiro, então, deixa a molecada vir. Aí o Dumontt falou: “Dudu, vamos fechar as portas, sentar, pegar os editais todos, escrever projeto. Porque o espaço não vai se sustentar.” Aí eu cheio de lágrimas falei “essa porra não pode parar assim cara, tem que ter gente aqui dentro, os moleques tem que vir pra cá”. [Faz referência a voz do Dumontt] “Vamos fazer a parada, depois você vai ver que o negócio vai dar certo”. Aí sentamos, a pegava os editais, madrugada rolando, a gente escrevendo projeto... A gente sabe o seguinte cara, tem muita gente que tá junto com a gente, só que na hora de cair os cabelos, é o nosso que vai cair. Na hora de pagar as contas, a gente que vai pagar. Ou então assim, é... A gente não vai tirar o mérito da galera, a galera tá pra fazer a arte. A gente, a gente escolheu é... parar um pouco de fazer a nossa arte pra galera fazer a arte deles. A gente começou a fazer projeto e começamos a aprovar um atrás do outro. Aí chegou uma hora que o Dumontt falou “fudeu, vamo parar de escrever projeto porque não dá mais não”. Aí eu tava conversando com ele ontem... A gente aprovou quantos projetos, Dumontt?

Dumontt- Sete.

DMA- Sete. Já contando com o da (?) ?

Dumontt- (?)... iniciei o ano com sete projetos aprovados e um executando.

DMA- Aí começou outra parada, tem que colocar gente aqui dentro pra trabalhar.

AF- Só pra gente entender. Um na biblioteca, que você já explicou, quer dizer, você tava explicando antes. Vamos falar disso pra gente gravar também. Você tem uma...

Dumontt- A biblioteca funciona com dois acervos. Pega o livro aqui, lê em casa, e depois ele volta. Depois tem o itinerante que as pessoas encontram o livro em determinados pontos de Morro Agudo, leva ele pra casa e registra no site onde ele achou o livro e o site vai fazendo o acompanhamento de onde ele tá, da onde o livro anda. Onde as pessoas pegam e onde as pessoas deixam. Aí lê o livro e deixa onde quiser. Pelo ônibus, no banco da praça, numa loja... Qualquer lugar, pode pegar o livro. E aê, a meta são setenta mil livros nesse formato...

AF- Lugar, assim, como você diz? As pessoas vão cadastrar esse lugar?

Dumontt- Os pontos de partida serão cadastrados. Em qualquer desses pontos de partida, com certeza haverá amigos da Biblioteca Enraizada. [DMA- Pra você pegar.] Aí depois você deixa em qualquer outro lugar.

DMA- Mas não precisa ser um ponto de partida, pode ser o banco do ônibus. Vai tomar um cafezinho na padaria, deixa ali em cima. Que o maneiro é que quem vai achar vai falar assim “hum, achei um livro...”. Aposto que em casa ele fala “o livro me achou, aê”. Então entra no site... Tem todo um processo. As vezes é uma coroinha, muito velhinha que achou, ela não vai mexer com internet, aí eu falo “fala com o seu filho, seu sobrinho, seu neto”, porque aí a galera.

AF- Entendi.

Dumontt- Vai haver, com certeza, muita...

AF- Esse, vocês bolaram?

DMA- A gente vai aperfeiçoando.

Dumontt- essa ideia é uma ideia dum... É feita em mais de setecentos e cinquenta países, mas aqui no (Rio de Janeiro) foi um pessoal que... de um movimento político que quis fazer. [Pessoa não identificada- Em Curitiba tem né.] Em todo Brasil. Só que não é desse jeito não. A gente deu um “upgrade” aê, de acordo com a nossa...” [Pessoa não identificada- Enraizou o negócio.] É. E aí, é a mesma coisa do Enraizados Card. Que é um processo de... passa um valor pro Enraizados e o Enraizados passa outro pro autor. Você adquire créditos a partir do momento que você faz um favor pra gente, aí você vai acumulando créditos e pode trocar por outro serviço. Por exemplo, cada crédito vale um real, você não gasta seu dinheiro, mas se tiver um show aqui a três reais, você pode dar três créditos e entrar no show. Ou receber desconto em uma coisa dos Enraizados. Ou então,

você pode... Eu canto rap e ele é produtor. Então ele faz uma base e aos invés de eu pagar ele com dinheiro eu pago em créditos. Aí ele fica com um monte de créditos. Então é um sistema assim que é feito também, como é mesmo o nome Cubo Card? [DMA- Cubo Card.] A gente deu uma adaptada. Então a gente vai, como é que fala? O pessoal lá do movimento modernista falou? A gente vai, é... antropofagia, a gente vai é... antropofagiando. {Risos de todos}

AF- Então os projetos sociais que vocês aprovaram, é a biblioteca...

Dumontt- Biblioteca, é... o filme sobre o Morro Agudo. Ele chama-se “Round 1: Morro Agudo contra Comendador Soares. É baseado... [DMA- (incompreensível)]

AF- A menina que trabalha lá em casa, Ela é daqui. Eu perguntei isso e ela não soube explicar.

Dumontt- Aqui é uma confusão. Alguns só chamam de Morro Agudo, alguns só chamam de Comendador Soares, outros, é híbrido. Aí alguns dizem que Morro Agudo é do lado de lá, outros dizem que é do lado de cá, que é Comendador Soares, outros dizem que não tem nada a ver, que Morro Agudo não fica em Morro Agudo, que fica lá em [DMA- (Cobrete).] Então, o Morro que deu nome ao bairro, nem aqui {risos de todos} (incompreensível). E aí o pessoal que vem aqui de fora aqui: “pô, tu mora em Morro Agudo, pô? Cadê o morro?” Tem um aqui e tem outros lá.

AF- O filme é sobre isso?

Dumontt- É sobre a história do bairro, mas a gente quer fazer uma parada bem humorada. Tipo um confrontar né. Porque aqui a gente percebe que Comendador Soares é um nome elitizado. Um nome de um pessoal que tinham acesso ao poder, que sempre tiveram e sempre mantiveram Nova Iguaçu como a terra da laranja. Até hoje né. (incompreensível) {risos} E tem o pessoal do bairro mesmo que não, “eu moro em Morro Agudo mesmo” e tudo mais. Um pessoal mais pé no chão que gosta mais desse nome né, porque é um nome mais povo. Então a gente vai confrontar com essas duas ideias e vai confrontar com outras pessoas, outros que fazem chacota, outros que é solidário, outros mais estudiosos e tudo mais. A gente vai fazer um bem bolado aí e ver o que dá. [AF- Biblioteca, filme...] Tem o Encontro. [DMA- Que é o festival de *hip hop*.] O festival de *hip hop* que a gente fez. O primeiro era uma caixa de som, desse tamanho aqui, e uma tendinha. Aí foi ampliando. No quarto já tinha o palco, já foi nacional, veio vários grupos de outras regiões. O sétimo a gente fez aqui grandão, com banda de *reagge*, com várias paradas aqui... Tudo duro né, sem dinheiro, mas com (?). Articulação. Chega aí {risos} (?). E assim ia. E aí tem biblioteca, filme, festival... [DMA- Pró-jovem...] O pró-jovem e adolescente, esse aí com o governo federal com a administração da prefeitura. O (?) de cultura digital, que começou com o (?) quinhentos mil e agora vai pra trezentos e pouco e daqui a pouco vai reduzir mais ainda. Tem o (Pontinho), ponto de cultura, que é o projeto Escola Viva Bairro Escola. O Escola

Viva é um programa do governo federal, que... é um projeto do governo federal do programa Cultura Viva. E esse projeto é pra constituir pontos de cultura perto de escolas para dar oficinas. O Bairro Escola fez uma parceria, então eles investiram um milhão e meio, (?) e a comunidade o projeto de Pontinho de Cultura e a gente ganhou um também. É... Deixa eu ver mais... [DMA- Tem os (grêmios) também. Tem o de leitura... e o (linha indiana)] São de editais, assim...

DMA- Essa porra é edital.

Dumontt- É edital também.

DMA- E a viagem agora também...

Dumontt- A viagem pra França, é edital.

AN- Vocês vão pra França?

DMA- Semana que vem.

AN- Na semana que vem?

Dumontt- É.

Pessoa não identificada- Vão vocês dois só?

Dumontt- Vamos nós dois, um DJ e mais um rapaz que faz (?) com ele.

Pessoa não identificada- Vocês vão fazer um intercâmbio na França, vão na periferia francesa...

Dumontt- A gente vai fazer duas coisas na verdade. [DMA- Fazer coisa pra caralho.] Primeiro, terminar o projeto de intercambio que a gente começou aqui com o pessoal lá de (Vila). O nome da banda é (?) Eu não sei falar nome em francês. {risos} E aí eles... é uma (missão) de periferia também, com uns garotos também, que... Trabalha *hip hop* também. A diferença é que lá a casa deles foi o governo que construiu e eles não precisam fazer projeto, eles vão no conselho de cultura, o que seria um conselho de cultura da cidade, e aí eles, é... Aí tem uma banca e os agentes de cultura, eles verbalizam, eles falam e defendem o seu projeto. E o conselho define para onde vai as verbas. Tantos euros pra aplicar em evento cultural dentro da cidade. Diferente daqui. Aqui eles querem que a gente aprenda a fazer uma burocracia totalmente elitista, ou seja, não é pra gente mesmo. A gente que é (?) e vai tentando.

AN- Mas você acha que seria interessante o governo gerenciar isso?

Dumontt- Não. Lá também não é o governo. Lá é a sociedade civil e o governo, misto. Aqui também tem conselho, tipo um conselho de cultura.

DMA- A diferença lá é o seguinte. Lá, por exemplo, isso aqui é nosso mesmo. [Dumontt- lá é tudo do governo.] O governo não construiu porra nenhuma. E tem gente que pensa “quando vocês vão largar esse imóvel da prefeitura aí?”. Não é. É nosso. A gente preza muito essa independência. A gente já passou muito perrengue por causa disso. Um exemplo, a gente fez um evento, acho que o quinto Encontro do grafite, que a gente falou pra prefeitura pra colocar cinema porque tem muita gente que nunca foi no cinema aqui no bairro.

Dumontt- E ir pra praça porque os mendigos dormiam ali e faziam a beirada do muro de banheiro. E a gente ia o grupo todo e o dinheiro todo era nosso.

DMA- O dinheiro da (corrente) era nosso. A praça é pública, mas o dinheiro era nosso e dos amigos... Aí criou um (?) Amigos dos Enraizados, com os coroaos do bairro. [Dumontt- Cada um doava uma notinha.] Aí o que acontece, veio a maior molecada, mãe e pai pra ver o filme, sabe o que aconteceu? A empresa não veio botar o telão, porque a prefeitura não pagava eles não sei quanto tempo. Aí eu fiquei puto pra caralho, falei um monte de merda. Aí eu falei “ou, a gente tem que ter o nosso cinema”. Aí se quiser fazer a porra de um filme é só dizer e não ficar dependendo desse filhas da puta. Ah, não, não, “é essa porra aí mesmo”. Aí a gente foi e comprou o cinema. Tudo que a gente vai fazer...

Dumontt- Eles não limparam a praça. A gente que limpou a praça, tiramos ali as fezes e tudo mais. Aí fizemos tudo na boa. Aí fizemos um relatório, fizemos uma cartinha pro prefeito, dizendo pra ele o que ia acontecer a partir daquele momento. Aí vamos dizer, como é que foi? Era uma escada, primeiro foi pro gabinete. O ofício era pro prefeito, com cópia pra secretaria das cidades e cópia pro cara que não veio aqui, secretário da (Codem), porque ele disse que não ia (?) porque a gente tava apoiando outro candidato. Foi uma eleição pra governador do Estado. Alguma coisa assim né? Eu não me lembro, não tinha candidato, na verdade. (Sentença incompreensível) Cada um faz o que quiser, a gente mesmo nunca teve candidato. E aí a gente soube disso né. Aí eu no texto falei pra ele que se ele não conhecia o movimento (popular) da cidade, eu falei pra ele procurar conhecer, porque a gente tá aqui, sempre estivemos, ele vai embora e a gente vai continuar. E se ele ficar de marra a gente vai lá e tira ele da cadeira. Porque a gente não tem o poder da caneta, mas tem o poder de mídia, a gente chama uma imprensa e fala mal dele até ele sair. Fala mal dele, manda e-mail pra todo mundo, vários (?) a gente sabe como. Prefeito recebe, não sabe como. Ministro recebe, não sabe como. Várias pessoas, e não sabe como. Mas é... É um movimento que a gente tem de, militantes... Todo mundo acha ruim quando recebe um “spam” né. Acha ruim, “caraca, me mandaram um ‘spam’”. A gente vai lá, copia todos os endereços de e-mail (parte incompreensível). Aí a gente fez essa carta. Aí (?) ficou louca. Que antes a gente tinha feito um movimento na prefeitura, ao qual o prefeito tinha prometido pra gente, foi marcado o ato, ele não deu. Aí a gente ficou cobrando, aí ele resolveu pagar um aluguel pra gente. Aluguel que nunca aconteceu na verdade. Ficou na mão de um procurador, que assumiu, e a gente procurava ele, até ele ser descoberto. Aí teve

uma hora que eu fiquei puto, tava eu e uma galera que era mais... Eu era o mais calmo. [DMA- Eles eram kamikazes.] Só os kamikazes. Aí fomos lá, ninguém recebia a gente. As pessoas ignoravam que a gente tava ali naquela sala pedindo ajuda. (passagem incompreensível) Fizemos um ofício pra Maria Antônia, a esposa do prefeito, e ela do meu lado: “eu não vou te receber”. {Fez sua própria fala} “O que?” {Fala de Maria Antônia} “Eu não vou te receber, você sabe. Vim aqui só pegar o ofício. Eu estou ocupada. Você não sabe que eu tô ocupada.” Aí eu disse “ah é, é guerra né! Vamo embora! Vamo embora galera, que eles querem guerra”. Aí voltamos, “primeiro vamos tomar uma cerveja pra poder...” {risos} Aí viemos no Ponto de Cultura, pegamos a câmara do governo. [DMA- Usamos contra eles mesmo.] “Vamos lá, vamos voltar lá!” Aí cheguei na sala assim, meti o pé, pá: “Pode filmar! Pode filmar! Aqui ó, (MSL) ninguém trabalha, ninguém trabalha nesse lugar! É por isso...” Sem sacanagem, desceu gente de tudo enquanto é lugar. “Não faz isso não, pelo amor de Deus, não faz isso”. {Fez sua própria fala} “Ué, vocês não estão querendo me fuder?!” {risos de todos} {Fez fala de terceiros} “Vamos resolver! Vamos resolver! Vamos resolver!” {Fez sua própria fala} “Agora vocês vão resolver? Agora vocês estão me ouvindo? Agora vocês me notaram? Tá bom então! Vamos resolver. Primeiro eu vou ali”. Aí fomos no escritório de novo. Fizemos o ofício pro prefeito. Todo o processo. Até a Maria Antônia... Aê o assessor dele veio e tudo mais. Aí o prefeito fez aquela reunião. Aí chamou todo mundo no ovo. E de lá pra cá ninguém quis saber de não nos atender. {risos}

DMA- E os moleque que são mais radical, aqueles caras nervoso disseram “calma Dumontt!”. Mas eu que sou calmo né. E aí a galera, me contaram: “Dudu, maluco, o cara tava doido!”

Dumontt- Aí como a gente fez esse movimento antes, aí ele chamou esse outro funcionário da (Codem), Luis Carlos, meu xará ainda. Aí veio e comeu ele no ovo. Aí fizemos o sexto Encontrão. Aí não pedimos nada. Não pedimos nada pra prefeitura não. Aí o pessoal da (articulação): “pô, a gente quer ajudar. A gente quer ajudar.” {Fez sua própria fala} “Que ajudar o que, rapá!” {Fez a fala de terceiros} “A gente quer ajudar, só que a gente tá com um problema. O gabinete num tá nos atendendo”. Aí eu falei “e aí, vocês não conseguem. Eu vou conseguir?” {Fez a fala de terceiros} “Não. É só ligar e dizer que é do Enraizados. Eles vão fazer a parada. Se eles não te ajudar, eles já sabem o que vai acontecer.” {risos de todos} {Fez sua própria fala} “Aqui é do Enraizados. Eu quero falar com a chefe de gabinete! Que negócio é esse que vocês não vão ajudar a gente a fazer o Encontrão?” {Fez a fala de terceiros} “A gente vai sim.” Falaram com o secretário da (?). Taparam buraco, botaram a iluminação, trocaram meio fio...

DMA- Chegou dois caras num caminhão... Aí perguntei pra um dos caras: “quem é esse cara aí? Luiz Carlos? Luiz Carlos?” {Fez a fala de um terceiro} “Luiz Carlos é ele.” {Fez a própria fala} “Luiz Carlos, eu sou da coordenação do Enraizados. O que você vai fazer aí?” Aí o cara: “Vou fazer o que vocês mandar.” {risos de todos} “Então troca essas lâmpada

tudo, tira aquela porra ali, tira esse meio fio... “ Os maluco começaram a trabalhar, trocaram lâmpada no bairro todo. Aí a gente fez o evento, o evento acabava às sete horas. Tinha uma árvore de natal, eu acho que tava há uns vinte anos naquela praça ali. Toda torta. Tiraram aquela árvore. Tinha um poste caído no meio da praça, tiraram o poste. Pintaram... Ficou bonito. Fizeram a iluminação na praça, a praça era toda escura. Aí acabou o evento. Desmontaram o palco, e os cara do pagode foram pra praça, “nós vamos inaugurar a praça nova”.

Dumontt- A comunidade se chegou porque tava toda grafitada, toda iluminada. Então a comunidade começou a usar a praça de novo, porque... Depois, as luzes se apagaram, os meninos voltaram a dormir lá...

AN- Não conseguiu ter uma...

Dumontt- Ou a gente ficava em cima... E depois passou a ser um movimento esquisito, tudo que a prefeitura fazia as pessoas aqui do bairro achava que a gente que interviu. Tipo, “Pô, valeu por ter colocado, tapado o buraco lá.” {Fez sua própria fala} “Que tapar buraco, rapá. Ninguém tampou buraco não.” {Fez a fala de terceiro} “Tapou sim rapá. A prefeitura foi lá. Vocês são foda!” {risos de todos} “Não foi a gente não, a prefeitura trabalha sozinha. Sem a necessidade da gente...”

AN- Então vocês viraram uma referência muito forte aqui no bairro.

Dumontt- Quando a gente ia alugar a pista era assim. O pessoal chegava aqui e falava assim: “pô, você sabe onde é o Enraizados?” {fez fala de alguém} “ Sei não cara, mas de vez em quando passa um aqui. Quando passar um aqui, você vai seguindo ele.”

DMA- Também era muito gringo, né cara, que a gente trouxe pra Morro Agudo. Então, pra galera parece que tá trazendo um E.T.. Aí, “pô, fala não sei o que!” Aí começou a aparecer gringo que não foi a gente que trazia. Aí a galera, “aí cara, foi um maluco lá, acho que atrás de vocês né.” {Fez sua própria fala} “Não pô.” {Fez a fala de alguém} “É gringo, pô!”

Dumontt- O dono da lanchonete ali, eu cheguei pra ele e falei assim, “ tu me conhece?”, aí ele, “meu nome é Dumontt, tu nunca mais vai me esquecer, eu quero desconto na tua pizza.” Aí ele: “tu qué desconto na pizza? O preço é esse mesmo vacilão.” {Fez sua própria fala} “Eu quero desconto meu irmão, não quero saber.” {Fez a fala do dono da lanchonete} “Hum, vocês vão comprar quantas?” {Fez a própria fala} “Cinquenta pessoas.” Aí ele: “Caralho!” {risos de todos} Aí foi o pessoal que veio da..., um (bar anarquista). É, Alemanha, Uruguai, Paraguai, Argentina. Aí vieram tudo pra cá no dia 15 de novembro. Foi a primeira grande descida deles aqui. Eles vieram conhecer o espaço. Todo mundo curioso, invadiu todo mundo, “vamos lá, vamos conhecer.” Aí vieram conhecer.

AN- Quantas pessoas vocês atendem, mais ou menos, aqui? Quantos garotos, garotas?

Dumontt- Aqui? Você Fala nesse espaço físico aqui?

AN- É. Assim, nas atividades que vocês fazem...

Dumontt- É... É difícil quantificar os Enraizados hoje. A gente tá trabalhando pra tentar quantificar, mas o... Então, assim, aqui, em Morro Agudo, tem como eu dizer. Deve dar umas quinhentas pessoas mais ou menos. Aqui em Morro Agudo. [Pessoa não identificada- Quantas pessoas?] Quinhentas.

AF- E vocês tem ideia da população total do Morro Agudo hoje? {Falas ao mesmo tempo, incompreensível}

Dumontt- É porque a gente tem uma série de coisas acontecendo ao mesmo tempo.

AF- Deixa eu perguntar uma outra coisa pro Dudu. Você tinha falado uma certa vez que você falou “a gente começou curso de formação, trabalhar o (negócio de negritude)...” Eu queria que vocês falassem um pouco disso. Quer dizer, duas coisas que eu acho que se ligam. Uma é como é que vocês trabalham isso, como é que isso surgiu pra vocês? O que vocês sentem (que é fácil) de trabalhar? Qual é a ideia de vocês de negritude, de cultura de raiz? O que isso significa pro pessoal? Quer dizer, principalmente, pro pessoal?

Dumontt- O que você falou tem muito a ver com a Rede.

AN- (?)

Dumontt- (?) é um projeto de escola de militância.

DMA- Num quer falar da Rede? (falas incompreensíveis). A Rede surgiu em 2005. A gente foi pra Brasília pra Conferência de Cultura, aí o (?) falou “Dudu...” A gente trabalhava em rede, né, mas eram só indivíduos. Aí falou “que tal a gente trazer instituições pra Rede que aí traria um monte de gente junto, que que tu acha?” Aí eu falei, “maneiro, faz aí”. Aí ele trouxe seis instituições pra ele, na época, que veio com vários artistas. Como a Rede funciona? É uma rede de autoajuda. A gente criou e depois foi construindo como ela funcionaria e o que era realmente a Rede. É de autoajuda, ou seja, a gente põe as pessoas em contato. Basicamente isso. Um cara, não sei da onde, do Acre quer fazer uma música e lá não tem produtor, aqui no Morro Agudo produz. Eu ponho os dois em contato, meu trabalho foi esse. A partir daí eles fazem a Rede continuar crescendo, porque um já se apresentou pro outro e tal, mas o pontapé inicial foi através do Enraizados. Se eles precisarem de algum outro contato, eles vem até a gente de novo e isso é refeito. No começo tudo é muito *hip hop*, só que o *hip hop* é feito de quatro elementos que é de uma diversidade de dança, de música, de artes plásticas, grafite... Então a gente falou “ó meu irmão, vamo botar mais coisas aí.” O eixo continua sendo o *hip hop* porque muita gente pratica isso, pela quantidade de tempo que a gente trabalha isso no Enraizados, mas entrou muito outras coisas, audiovisual, (?), a internet, computadores e tal. Tudo isso a gente usa

muito pra fazer funcionar essa rede. E começou a ficar internacional. Muito brasileiro que mora fora procurando sobre hip hop, sobre o Brasil, caiu dentro do Enraizados, manter contato. Aí já cria um núcleo onde tá, começa a divulgar o Enraizados no país que tá. O mais maneiro aconteceu na Finlândia, que não era um brasileiro que tava lá. Era uma finlandesa que dava aula de português numa universidade e começou a usar o site do Enraizados pra dar aula pros alunos dela. Então, Oulu na Finlândia era a segunda cidade mais acessada nos Enraizados. Ela participa, ela casou com um índio norte americano e o índio agora vai produzir... Gostou de uma música minha e vai produzir essa música. Então você vê que não tem... O meu DJ, ele pediu pra explicar como funcionava a Rede. Eu falei, falei, falei, e ele falou “pô, tá foda de entender”. Eu falei “não, faz parte que tu vai entender. Com o tempo tu entende.” Aí ele me chamou num domingo e disse “entendi a Rede”. Por exemplo, a Ana é da França. É uma brasileira que mora na França. E o DJ que mora na Cidade Alta. Os dois vieram no mesmo dia aqui no Enraizados, se conheceram, hoje em dia ele vai pra França e vai ficar na casa da Ana, tá ligado. Então esse é um contato que ele tem na França que ele começou a ter a partir do Enraizados. Pô, e continua conversando com ela sem passar por nós. É uma característica, da nossa rede, que a gente trabalha. A gente não gosta de centralizar nada. A gente quer botar as pessoas em contato.

Dumontt- (?) Pode acontecer de tirar o foco né, sair o foco da militância. Por isso foi criado o Cefam {Centro de Estudo e Formação de Ativismo e Militância}. Foi criado justamente pra poder formar as lideranças que queriam estar nesse processo aí no futuro, assumir o Enraizados.

DMA- Até mesmo, assim, tocando nesse lance, quando a gente ia na casa da Rosinha, a gente tinha sessenta, setenta moleques participando da (?), mas quando era sério, quando tinha que ir lá exigir algum direito, alguma coisa assim, só ia cinco. Porra, tem alguma coisa errada. E aí a gente sentou pra trocar ideia, aí: “Pô, o que a gente quer? À gente quer quantidade ou qualidade? Pô, a gente tem que ter uma galera que vai substituir a gente mesmo no futuro nessa militância e manter essa ideologia do Enraizados.” Aí surgiu a ideia de fazer o Cefam. A gente falou o seguinte, o Cefam vai ser aquela galera que vai sofrer mais, porque vai discutir um monte de coisa que jovem, juventude, não quer discutir, entender um monte de coisa que adolescente não quer entender, e a gente tem obrigação de fazer isso o mais agradável possível. Aí vai ser a galera que vai tá de pau pra toda obra. Vai tá viajando, falando em nome do Enraizados, que vai aprender o que é o Enraizados. Aprender não, continuar aprendendo, que é um processo. Se eu te falar o que é Enraizados hoje, você pode voltar aqui na outra semana que eu posso te falar outra coisa completamente diferente. Eu lembro que um lance que a gente tocou no negócio de negritude dentro do Cefam, Cefam é Centro de Estudo e Formação de Ativismo e Militância, a gente trabalhou a questão da negritude, foi que um dia eu tava lendo em casa uma apostila e eu vi o nome de muitos, mas muitos negros mesmo, que foram referência. Eu nunca tinha ouvido falar. Não ensina na escola. Não ensina mesmo. O único negro que,

de vez em quando, alguém fala alguma coisa é zumbi, assim. Aí eu tava lendo um lance de... Como é mesmo aquelas paradas? [Dumontt- (?)] Um lance maneiro que eu podia usar com esses nomes. Aí, eu acho que foi a primeira vez que a gente começou a trabalhar com o lance da negritude. Como aprender sobre todas essas lideranças, essas referências negras, em pouco tempo? O que a gente fez? A gente passou a lista pra maior galera, ninguém sabia quem era ninguém, assim, muito difícil a turma reconhecer, reconheceu um ou outro. Então a galera começou a escolher um nome ali. Aí escolheu Luis Gama, outro escolheu Miltom Santos e tal, e ninguém sabia quem era ninguém. Aí qual era a parada? A galera ia pesquisar sobre essa pessoal e na próxima semana na Cefam a gente teria que falar pros outros sobre esse cara, sacou? Então, assim, o cara que você estudou você aprendeu sobre ele e os outros você vai... Vai sentar, vai ouvir, vai aprender algo sobre eles, e deu super certo. Tanto que, foi esse ano que foi o centenário do Solano Trindade, não foi? Que a menina aqui pra falar com a gente, só que a gente já conhecia por alto a história, por causa desse esquema, tanto que nem rolou. A gente fez, começou a musicar uns poemas dele pra fazer uma apresentação.

Pessoa não identificada- É. Eu vi um *outdoor* lá na Pavuna. Sabe onde tem *outdoor*?

DMA- Não sei. Esse lance...

Dumontt- Não rolou.

DMA- Ia ser lá em Nova Iguaçu, mas a gente fez... E é importante, assim, a maioria da galera que tá aqui dentro, nossas lideranças aqui são negras. Então é importante que a gente conte nossa história. É importante que a gente conheça nosso heróis. O Cefam trabalha muito essa questão, através disso.

AF- O colega aqui trabalha com o Antônio Cândido, quer dizer, João Cândido. {risos de todos} Só um registro aqui. Essa ideia é legal. Surgiu...

DMA- A gente traz pessoas pra palestrar, pra falar... Entendeu? Vai aprofundando. A gente recebeu {passagem incompreensível}.

AF- Ah, tá. Editora do MST {Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra}.

Dumontt- O Cefam tem que trabalhar nove eixos. A cada tema, nove eixos. E cada (plano?) desse aqui é uma cor e cada cor é um estágio.

DMA- É meio que infinito.

AN- Posso tirar uma foto aqui? Posso tirar uma foto? Nada é definitivo, só...

Dumontt- Os eixos, os nomes mudaram por causa das colocações foram... Porque a gente pensa o seguinte, ação e reação, cada um acaba tendo uma reação. Uma reação positiva e uma reação negativa. Uma reação pra um lado e uma reação pro outro. E muita gente vê,

isso aqui não é definitivo não. Agora já mudou, mudou até a nomenclatura. Pra cada coisa que você faz, você tem dois... [DMA- Resultados.] Resultados. Então essa é a ideologia do movimento do Cefam.

DMA- As coisas aqui acontecem assim, uma coisa vai levando à outra. O Cefam trabalha com (a equipe) e tal e a molecada escreve *rap*, os *raps* acabam sendo mais politizados, tendo uma consciência melhor. Nossa biblioteca, tem uma parte dela, quando a gente foi separando, recebendo doação de livro, são livros só referentes à cultura negra. Então, a gente, uma coisa vai puxando a outra e aquilo tudo se encaixa no final. A gente fez esse filme agora “A mãe do *hip hop*”, é um filme que sobre o *hip hop*. Mãe já mexe com gênero, gênero feminino. Todo mundo é negro, já mexe com a negritude. Fala do ponto de vista social de Morro Agudo. Como é criar o filho em Morro Agudo, pra você crescer em Morro Agudo. Aí você já mexe com a questão social. É um filme que vai passar em tudo enquanto é lugar e é *hip hop*. Música o tempo inteiro. Vai passar em tudo enquanto é canto.

AN- Eu acho que tem muita coisa. Já tá bom.

AF- Pra uma primeira já, já...

AN- Só uma coisa pra registrar. O nome...

Dumontt- Meu nome de batismo? [AN- É.] Luiz Carlos de Jesus. Eu sou o vulgo Dumontt.

AN- Porque Dumontt?

Pessoa não identificada- É Tumont ou Dumontt?

Dumontt- Dumontt.

DMA- Com dois t's viu.

Dumontt- Quando eu era adolescente eu tinha fascinação pelo Santos Dumont. Aí depois que eu entrei pro teatro, aí eu comecei a escrever e assinar Luiz Carlos Dumontt. Quando eu entrei pro teatro, todo mundo no teatro (?), eu vou colocar mais um t e vou dizer que foi uma (?). {risos de todos}

Pessoa não identificada- Você foi do Nós do Morro?

Dumontt- Não, na verdade eu trabalhei pra eles. Eu trabalhei pra eles fazendo memória. Ensinando memória local aqui no projeto Nós da Baixada.

AN- Você é daqui mesmo?

Dumontt- Eu sou daqui. Eu sou daqui.

AN- Você conseguiu lá, alguma coisa assim?

Dumontt- No Nós do Morro eu era professor, eu ensinava... Tinha... A gente aprende, todo mundo aprende... Lá foi a primeira vez que eu trabalhei memória do bairro, memória local. Fiz até um livro. O livro era um (exemplar) só. Eles levaram. Eu fiquei sem o livro. Era um... Eu peguei todos os trabalhos de memória e aí imprimi em cima daquele papel, como é o nome desse papel? [DMA- Pardo?] Não. É um papel... Esqueci o nome do papel... Vem em rolo assim de fazer embrulho.

AF- Aquele durinho assim, mais forte que faz embrulho.

Dumontt- Aí imprimir nesse papel, coloquei algumas paradas e costurei tudo a mão. Aí fiz uma capa de madeira, que era uma porteira. Eu sou do bairro (Nova Era), aí era uma porteira, com uma trinca. Que era conclusão de um trabalho de memória, aí eles levaram pra lá, nunca mais vi. [AN- Quem?] O pessoal do Nós do Morro. Tá lá em... Como é que é o nome? Lá em Vidigal. Tinham várias informações interessantes. Descobrimos que, por exemplo, nesse trabalho aqui, descobriu que o Comendador Soares tinha um sócio. O nome do sócio dele era... Esse nome, o primeiro nome, mas o sobrenome dele era Maia. O (Conrânia Maia), o paizão, era do Exército que construiu essa estrada do... Que o outro, esse outro, nasceu em Tinguá e era sócio do Comendador Soares. E comprou umas terras lá na, no... Onde hoje é conhecido como São Conrado. E na verdade tinha um morro lá, ele construiu a avenida Oscar Niemayer, foi ele que construiu. Foi o Conrado. Foi esse Niemayer daqui, que nasceu aqui em Tinguá e o... E ele pegou aquele terreno ali e vendeu para um policial chamado Vigidal. Aí o pessoal morreu, o pessoal começou a invadir e tudo mais, onde hoje é o morro do Vidigal. E várias benfeitorias que ele fez a igreja e o (?) São Conrado e a avenida foi ele que construiu, o cara nasceu aqui em Tinguá.

AF- Beleza.

AN- Beleza.

Dumontt- Eu gravei aqui umas amostras sobre nosso trabalho, vocês vão ver, tem alguns depoimentos, algumas paradas assim, mas tem uma parada aqui que é muito loca. Tem um filme sobre (primeiro emprego) que é um filme sobre (?) de direito. É um documentário. E tem um outro que é um formato de audiovisual que a gente chama de contra cinema. Contra cinema, assim, tem uma mensagem embutida né, (enfia o cinema no cú né), me desculpa a expressão, é porque o cinema é muito caro e eles acham que a gente não pode ter cinema ou fazer cinema, a gente fez um contra cinema pra facilitar, pra mandar essa mensagem subliminar pra eles. Ao mesmo tempo a gente discute a nossa vida, a nossa própria vida, o nosso próprio cotidiano. Então a gente através de dinâmicas, faz, colhe as histórias do dia-a-dia, cotidiano de cada um. Aí depois vai misturando as histórias até formar uma história. Aí o pessoal assume aquilo que seria a equipe de cinema. Um pega a câmera, “olha, aqui é o ‘rec’ e o ‘pause, aprendeu isso?” E a construção de diretor de ator e tudo mais assim, o grupo vai assumindo as posições. A gente filma, edita, em seis horas o filme tá pronto. E o

filme, a história que é o barato. A gente tem um que fala sobre a ação da polícia na Baixada Fluminense. Chama-se “Bem que te avisei”. Que tá aqui né. O bem que te avisei é um garoto, que ele é drogado e tá devendo a boca, ele vai roubar um bicicleta e a bicicleta é de um polícia. O polícia não mata ele, porque eles discutiram e tamparam na porrada. O policial: “tem que matar, tem que te mostrar a realidade!” O outro policial: “Não tem que matar”. Porque é o que a gente gostaria que fosse, mas a gente sabe que a polícia mata demais aqui, e que se acha no direito de matar. Então, dessa discussão passou-se para o improviso e os meninos mesmo que improvisarão, já estavam imbuídos da história. O cara não mata, porque ele passou por um processo semelhante. E ele chegou na polícia e tudo mais. Ele passou por um processo semelhante. O outro fala sobre a inserção da mulher no tráfico de droga. A menina fica grávida de um traficante e acaba se viciando, se mata no final... O garoto acaba se envolvendo com coisas ruins também e acaba odiando a própria mãe. É, esses vocês vão encontrar aqui.

Entrevistadores {juntos}- Obrigado.